



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO EM FILOSOFIA

MARLON DITADI GONÇALVES

ASPECTOS DO NILISMO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Caxias do Sul

2023

MARLON DITADI GONÇALVES

ASPECTOS DO NILISMO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE¹

Dissertação de Mestrado a ser submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós- Graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. André Brayner de Farias

Caxias do Sul

2023

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 002.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

G635a Gonçalves, Marlon Ditadi

Aspectos do niilismo na filosofia de Nietzsche [recurso eletrônico] /
Marlon Ditadi Gonçalves. – 2023.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Filosofia, 2023.

Orientação: André Brayner de Farias.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Nietzsche, Federico, 1844-1900. 2. Niilismo (Filosofia). 3.
Cristianismo. 4. Conduta. I. Farias, André Brayner de, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 1NIETZSCHE

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500



“ASPECTOS DO NIILISMO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE”

Marlon Ditadi Gonçalves

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de PósGraduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Linha de Pesquisa: Problemas Interdisciplinares de Ética.

Caxias do Sul, 06 de setembro de 2023.

Banca Examinadora:

Participação por videoconferência

Prof. Dr. André Brayer de Farias (Orientador)
Universidade de Caxias do Sul

Participação por videoconferência

Prof. Dr. Mateus Salvadori
Universidade de Caxias do Sul

Participação por videoconferência

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Jesus Costa
Universidade Federal de Santa Maria

AGRADECIMENTOS

Agradeço aqui a meus familiares, amigos e companheira, que tiveram uma grande importância nessa caminhada.

Aos meus alunos, que me obrigam toda manhã a sair da cama e tentar ser melhor do que fui no dia anterior.

Aos professores da equipe do PPGFIL UCS, pelos ensinamentos e parceria nesse período conturbado.

E por fim, agradeço a mim.

Lá em cima, na cabana, o velho estava dormindo de novo, com o rosto escondido no monte de jornais que lhe serviam de almofada. O garoto estava sentado a seu lado, observando-o. O velho sonhava com leões.

(HEMINGWAY, Ernest, *O velho e o mar*)

RESUMO

Este estudo aborda a construção do conceito de niilismo na filosofia nietzschiana, com o objetivo de apresentar como essa ideia foi se desenvolvendo dentro de sua obra e de suas particularidades. O desenvolvimento mostrou que o autor chegou a esse conceito após trabalhar sobre o racionalismo socrático, sua influência na construção das bases morais e científicas do ocidente, bem como a ação do cristianismo na psicologia humana. O resultado alcançado por essa pesquisa foi da interconexão do conceito de niilismo dentro da obra do autor, evidenciando as motivações da decadência e degeneração da sociedade.

Palavras-chave: Niilismo, decadência, moral, cristianismo.

ABSTRACT

This work approaches the construction of the concept of nihilism in Nietzschean philosophy, with the aim of presenting how this idea was developed within his work and its particularities. The development showed that the author arrived at this concept after working on Socratic rationalism, its influence on the construction of the moral and scientific foundations of the West, as well as the action of Christianity on human psychology. The result achieved by this research was the interconnection of the concept of nihilism within the author's work, evidencing the motivations for the decay and degeneration of society.

Keywords: Nihilism, decay, moral, christianity.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	10
2 – RACIONALISMO E ANÁLISES DO TRÁGICO	14
2.1 – Cultura alemã, tragédia e filologia	14
2.2 – Sócrates e a formação do homem teórico	17
3 – PERSPECTIVAS INICIAIS DA CRÍTICA À MORAL	22
3.1 – Ciência moderna e o sentido histórico metafísico	22
3.2 – Instinto de rebanho e moral do nobre e escravo	26
4 – CRISTIANISMO E CARACTERÍSTICAS DA DECADÊNCIA	34
4.1 – Espírito da <i>Décadence</i>	34
4.2 – Processo genealógico: ascetismo e ressentimento	37
4.3 – Cristianismo como degeneração	43
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
6 – REFERÊNCIAS	57

1 – INTRODUÇÃO

Como o próprio autor já mencionava, no final de sua vida lúcida, havia um fio condutor dentro de seu pensamento filosófico que interligava toda sua obra em uma mesma direção (NIETZSCHE, 2017, p. 453). Inicialmente escrevendo sobre sua área de trabalho no âmbito acadêmico, a filologia clássica, foi com o passar do tempo que abordou as questões da moral e da religião, mesmo que sem perder sua proximidade com os gregos antigos, estudou sobre as formas de compreensão da moral do ocidente, enquanto geradoras de valores, bem como a ação da religião na maneira do homem entender a si mesmo e o mundo. Desse modo, para que seja possível visualizar toda a cadeia de eventos que envolve a interpretação do filósofo sobre o niilismo, é importante abordar seus escritos desde o começo, percebendo o caminho percorrido gradualmente até chegar em sua fase final, fazendo parte de uma nova onda filosófica, que prosseguiu com a desconstrução dos ideais modernos. Apresenta, desde o começo de sua produção intelectual, críticas à história da verdade e do conhecimento moral, argumentando que havia interpretações sectárias nas análises filosóficas. Ficou marcado por seus conceitos de desconstrução total dos antigos valores judaico-cristãos e modernos, algo que o fez fazer um diagnóstico de sua sociedade contemporânea, encontrando um adoecimento moral e vital. É com esse panorama em mente que esse trabalho busca delinear qual foi o percurso tomado por Nietzsche para determinar sua ideia de niilismo, apresentado as causas da decadência da moralidade.

Esta pesquisa demonstra-se importante por espelhar os problemas morais e sociais que emergiam na sociedade contemporânea ao escritor e que parecem não ter encontrado suas devidas soluções ou esclarecimentos ainda hoje, pois continuam a crescer e retomar espaço de discussão no âmbito científico e filosófico. Além de uma decadência moral, onde os valores se perdem conforme os estímulos externos e sofrem transformações pela ascensão de pensamentos extremistas, há um instinto gregário que cada vez mais une adeptos de pensamentos extremos ao redor de uma polarização de ideias, podendo ser no âmbito político/moral ou religioso. Por isso a análise nietzschiana dos valores morais pode ser importante no atual cenário mundial; propor um diagnóstico amplo sobre as problemáticas que a sociedade enfrenta, deixando um caminho aberto para a construção de uma nova perspectiva social e moral.

O presente trabalho, utilizando o método genealógico característico do autor, será dividido em três capítulos, fracionados em tópicos, buscando apresentar de modo claro e bem

definido o trajeto tomado pelo autor para determinar os descaminhos, em seu ponto de vista, que a moral tomou até chegar ao seu ponto de mais baixa vitalidade e nobreza, a derrocada do espírito helênico. As bases valorativas do racionalismo socrático, responsáveis pela criação e manutenção da moral e da ciência europeia, estiveram presentes na formação dos ideais cristãos motivadores da mudança de direção da moral aristocrática. Sendo o niilismo uma ideia não objetivamente definida e delineada dentro da obra do pensador, assim como outras várias, tanto que alguns comentadores optam por dividi-lo em niilismo ativo e niilismo passivo, esse trabalho pode vir a contribuir para essa área de análise. De todo modo, no presente texto, será abordado somente o aspecto do niilismo enquanto decadência e degradação dos valores, que se encaixaria no termo niilismo passivo; o niilismo ativo, que seria a desconstrução das bases valorativas decadentes para uma possível reconstrução, não será abordado por não estar dentro do plano de trabalho. A ideia de niilismo passivo segue a linha do próprio Nietzsche, com referência a Clademir Araldi e Scarlett Marton; importante essa distinção, tendo em vista a existência de abordagens diferentes do conceito, como com Deleuze, Guattari e Heidegger, e que não serão utilizadas nesse trabalho.

O primeiro capítulo aborda a leitura feita por Nietzsche sobre a Grécia helênica e o socratismo, onde Nietzsche identifica a importância que a tragédia teve para a cultura dos gregos, tendo em Apolo e Dioniso os personagens responsáveis pelo desenvolvimento do drama épico, e o desmembramento do impulso dionisíaco da tragédia por parte de Eurípedes, que foi o último dos grandes nomes clássicos da tragédia. Seguidor de Sócrates, além de trazer o racionalismo para a arte e deslocar o impulso dionisíaco, descaracterizou o impulso apolíneo, tornando-o uma peça da engrenagem racionalista socrática. Diante deste panorama, Nietzsche identifica a filosofia socrática como o princípio da dissolução do espírito helênico.

A construção e o desenvolvimento das bases filosóficas e científicas dos séculos seguintes foram realizados de acordo com esse recorte interpretativo realizado por Sócrates. O homem racional e teórico socrático foi o molde utilizado pela maioria dos filósofos subsequentes, idealizadores morais e éticos. O recorte realizado excluiu toda a história do pensamento mitológico e artístico do homem grego, tendo a filosofia pré-socrática julgada arcaica e a relação artística e mitológica separada completamente do pensamento moral e reflexivo. O pensamento racional devia servir de sustentação única do homem, que, a partir dessa razão, reprimia seus impulsos por considerar-lhes animais e inferiores.

No capítulo seguinte, apresenta-se como esse movimento filosófico entendia que bastava a razão e a reflexão para a busca do conhecimento verdadeiro. A partir desse ponto de partida, fundamentou-se toda ciência e filosofia vindouras, colocando o homem no centro da discussão e construção do conhecimento ocidental. Algumas dessas correntes filosóficas explicavam o mundo e as coisas por modos diferentes, partindo da religião, da verdade, do progresso ou do perfeito, mas todas vinham desse ponto originário, que representa um marco na linha do tempo da história ocidental, sistema responsável pela caracterização da mentalidade do homem moderno. Outra característica desse período foi a abordagem crítica à ciência e história de cunho metafísico, que não se relacionavam direta e objetivamente com a Terra.

Escreveu importantes livros de sua carreira nesse período, tratando sobre o assunto da repressão que a moral da sociedade ocidental aplica sobre o homem. O instinto de rebanho é uma das características dessa moral, que com a inversão dos valores nobres e escravos, passou a ser o ideal de vida. A moral do escravo é referente a moral e organização social dos escravos gregos, enquanto a moral do nobre é referente a moral aristocrática, dos conquistadores e guerreiros. Nietzsche entende que a moral do escravo é danosa para o próprio homem que a segue, pois considera que aquele que não é igual a ele, lhe fará mal. Por isso, a moral do bem e do mal, e não do bom e mau/ruim. Essa moral de rebanho é utilizada pela sociedade para a coação, avaliação e hierarquização dos homens e de suas ações. O homem passa a ter julgamentos e valorações sem uma ponderação própria, mas apenas a validada pela moral gregária.

Interligado a moral dos escravos está o ideal ascético e o ressentimento, figuras características desse meio. Ocorre uma mudança no sentido original do ascetismo, que no grego arcaico seria uma forma de se separar das perturbações, seja para trabalhar ou evoluir espiritualmente, como faz Zaratustra, passando a significar uma negação dos instintos e vontades, entendidos agora como pecaminosos aos olhos religiosos. Junto a isso está a ideia de ressentimento, que deveria significar uma forma de justiça, conforme Dühring, mas que fazia o papel do envenenamento mental do homem. O consciente do homem nega os impulsos em defesa da racionalidade, dos valores morais externos; característica do que Nietzsche chamará de *décadence*.

Iniciada pelas interpretações religiosas das escritas filosóficas antigas, a moral do escravo é a representação da moral cristã, assunto do terceiro capítulo. A união da filosofia

grega com a doutrina judaica foi o que possibilitou a criação dessa moral. A doutrina judaica entendia que eram o povo escolhido por Deus, e que todos infortúnios que lhe aconteceram, as escravidões e assassinios, eram parte da provação da superioridade. Característica dessa inversão de valores, o cristianismo, junto a Sócrates, foi o responsável pela grande expansão e perpetuação dessa moral ascética. As renovações realizadas no antigo testamento judeu, possibilitaram uma maior aceitação e compromisso dos fiéis. Deus já não era tão cruel e severo quanto antes.

A moral cristã, unificada com o neoplatonismo, desenvolveu a cultura e o pensamento de grande parte da Europa durante o período medieval. As prescrições de conduta do cristianismo demonstram a prática por parte do rebanho a obedecer aquela pequena quantidade de comandantes, sem que haja questionamentos sobre os valores morais dos atos.

2 – RACIONALISMO E ANÁLISES DO TRÁGICO

2.1 – Cultura alemã, tragédia e filologia

Por certo, para que o trabalho de pesquisa sobre a questão do niilismo caminhe de modo correto, deve-se analisar desde o primeiro livro de Nietzsche, *O nascimento da tragédia*, escrito entre 1871 e 1872, que tinha como premissa tratar sobre a formação da tragédia grega, sua importância na cultura e desenvolvimento do homem e da sociedade helênica aristocrática, bem como apresentar o ponto de ruptura desses ideais nobres, com suas motivações, e, no final, contribuir para a formação de uma nova identidade artística e cultural da Alemanha de seu tempo, uma “renovação e purificação do espírito alemão” (NIETZSCHE, 2005, p. 147). Isso, de certo modo, fez parte de toda a sua construção de pensamento, mesmo que de outra forma, como se pode evidenciar com o projeto da transvaloração. Assim como alguns de seus contemporâneos e antecessores, é possível colocar Nietzsche como alguém que também trabalhou e estudou sobre a cultura, a arte e a estética da Alemanha, assim como a escola alemã desenvolvida por Winckelmann, o classicismo, que buscava trazer os antigos ideais helênicos para a formação da nova cultura alemã. Diferente dos países vizinhos como França e Itália, que utilizaram do Renascimento para formar sua cultura, Winckelmann queria buscar diretamente dos gregos, do período helênico, por entender que, além da reformulação desenhada pelos renascentistas, a verdadeira e pura percepção da arte e cultura gregas só poderiam ser trazidas diretamente dos estudos dos antigos, algo que não era comum na época, como aponta Bornheim (1998, p. 146).

Na percepção de Winckelmann, para que os alemães conseguissem alcançar a plenitude na cultura e arte, deveriam imitar os gregos antigos, na sua “nobre simplicidade e calma grandeza”, sendo que essa imitação não deveria ser entendida como cópia, apenas como referencial, diferente da imitação latina e romana;

Eles não conheciam o prazer do senso histórico; o que era passado e alheio os incomodava e, sendo romanos, estimulava a conquista romana. De fato, traduzir era conquistar – não apenas ao se omitir o dado histórico: mais do que isso, acrescentavam alusões à atualidade, apagavam o nome do poeta e punham o próprio nome no lugar – não com o sentido de um roubo, mas com a perfeita boa consciência do *imperium Romanum*. (NIETZSCHE, 2014, p. 104)

Entre os pensadores influenciados por Winckelmann, pode-se mencionar Herder, que inclusive escreveu sobre uma nova literatura alemã, Goethe e Schiller, ambos líderes do movimento classicista de Weimar. Como indica Bornheim, “Winckelmann dá ao classicismo

alemão seu ideal estético, Herder lhe dá sua teoria, que será posta em prática por Goethe e Schiller” (1998, 157). Em seu primeiro texto, *Nascimento da tragédia*, Nietzsche faz poucas citações ou referências a Goethe ou Schiller, mesmo que as influências sejam perceptíveis, mas já indica que foi nesse espaço teórico e cultural que o jovem Nietzsche começou seus escritos (MACHADO, 2005, 175), sendo Goethe colocado como uma referência à criação do homem forte e culto somente no *Crepúsculo dos Ídolos*, de 1888 (NIETZSCHE, 2015, p. 125).

As principais propostas trazidas pelo filósofo foram a formação da arte trágica a partir do ditirambo dionisíaco e o nascimento da tragédia a partir da relação entre os impulsos artísticos antigos, do apolíneo, figurativo e linguístico, e do dionisíaco, musical e orgiástico; enquanto o apolíneo representava o onírico, o superior, o belo, o dionisíaco era a embriaguez, o desejo (NIETZSCHE, 2015, p. 82), a vontade instintual que emerge durante a embriaguez e o êxtase;

Apolo aparece como divindade ética que prescreve a medida e o autoconhecimento enquanto Dioniso exalta o entusiasmo, o desregramento e a perda de si, em suma, o auto-esquecimento. O estado dionisíaco é apresentado em oposição ao estado apolíneo. Apolo recobre a realidade com um véu, o véu da bela aparência. Dioniso promove a retirada desse véu que esconde as contradições da realidade. (AZEREDO, 2008, p. 277)

Até aquele momento, todos os trabalhos desempenhados nessa direção indicavam a tragédia como uma arte advinda do instinto apolíneo, assim como os cantos homéricos. O mais próximo que Dioniso chegava dessas discussões era de que seus cultos dionisíacos poderiam ter influenciado a poesia lírica, como de Arquíloco, por exemplo; “a investigação acadêmica descobriu que ele introduziu a canção popular na literatura” (NIETZSCHE, 2005, p. 50). A primeira vez que Apolo e Dioniso foram colocados como membros, em conjunto, formadores da arte trágica foi com Nietzsche, que os colocou como os impulsos artísticos da Grécia ática, a duplicidade geradora dos embates que criavam novos e grandes nascimentos (NIETZSCHE, 2005, p. 23). Desde os períodos mais antigos, com Homero e Hesíodo, ambos os instintos já estavam presentes, às vezes tendendo mais para um lado, como o apolíneo em Homero, às vezes para outro, como o dionisíaco em Arquíloco; “a epopeia homérica é (...) um prelúdio à objetivação do trágico na obra de arte” (LESKY, 1996, p. 26).

A visão de Nietzsche foi muito contestada no meio acadêmico, recebendo diversas críticas por misturar elementos artísticos e a música com o método científico da pesquisa filológica. Chegou a escrever ao seu mais estimado professor, Friedrich Ristchl, que o respondeu negativamente, criticando sua proposta de vincular a filologia à arte, com Richard Wagner, e à filosofia, com Schopenhauer, além de apontar problemas metodológicos e

possíveis problemas de interpretação, pois, como já citado anteriormente, não se costumava relacionar o nascimento da tragédia com o espírito dionisíaco. Além das críticas de seu antigo professor, também recebe uma resposta ao seu livro, publicada por Wilamowitz-Möllendorff, que apontará com mais firmeza e severidade que a associação da filosofia e da arte com a filologia era um erro, bem como que Nietzsche estava muito mais fazendo um papel de pregador de seu deus Dioniso do que propriamente ser um pesquisador (MACHADO, 2005, p. 23). A inclusão do pessimismo e do elemento ébrio dionisíaco confrontava a histórica compreensão da “nobre simplicidade e calma grandeza”;

Não são apenas as imagens agradáveis e aprazíveis que ele [o grego helênico] experimenta em si com aquela capacidade global de entendimento: também o que é sério, turvo, triste, sinistro, as súbitas inibições, os caprichos do acaso, as expectativas constrangedoras (...) (NIETZSCHE, 2005, p. 25)

Nietzsche dirá que ambos os elementos são poderes artísticos da natureza, sem determinação direta e necessária com os humanos (NIETZSCHE, 2005, p. 29), ou seja, quer dizer que essas forças podem ser percebidas nos mais diferentes acontecimentos da natureza, como a fúria do mar, os cantos dos pássaros, as danças, as cores e formas dos animais, por exemplo; a constante batalha entre eles representa o contínuo desenvolvimento e criação da arte, a tensão causada por esses espíritos estéticos gerava uma harmonia criadora. E, como parte do cosmos, o homem desenvolveu a arte a partir desses dois impulsos, como pode mostrar os poemas homéricos;

Como diz o seu nome, a tragédia nasceu das festas dionisíacas dos coros dos bodes. Bastou para tanto que um poeta visse a fecundidade artística do entusiasmo ditirâmico (...) e fosse capaz de traduzi-la numa representação cênica e de transferir os seus próprios sentimentos para o *eu* estranho do ator. Assim, o coro, de narrador lírico, converteu-se em ator e, portanto, em sujeito dos sentimentos que até então apenas havia partilhado e acompanhado as suas emoções. (JAEGER, 1986, p. 296)

Homero pode ser colocado como um dos principais nomes da formação da arte e da cultura grega; seus escritos representam a forma de vida cavalheiresca, aristocrática e heroica do grego antigo. Passagens de suas epopeias, *Iliada* e *Odisseia*, nos apresentam os ideais de vida dos gregos antigos, a constituição de seus impulsos racionais e irracionais. Werner Jaeger, no texto *Paideia*, diz que “O testemunho mais remoto da antiga cultura aristocrática helênica é Homero” (1986, p. 25), e que, nesse período, se entendia como atributo dessa nobreza e excelência o conceito de *arete* (1986, p. 26). É exatamente essa ideia de nobreza e aristocracia que Nietzsche busca evidenciar, como, por exemplo, na passagem do texto *Humano, demasiado humano*, que os antigos possuíam, ao menos até certo momento, antes da ruptura racionalista; “Os gregos não viam os deuses homéricos como senhores acima deles,

nem mesmo a si mesmos como servos abaixo deles, como faziam os judeus. Eles viam apenas o reflexo, por assim dizer, dos exemplares mais bem-sucedidos de sua própria casta” (2008, p. 88). Foi uma tentativa de apresentar sua percepção sobre os gregos antigos que possibilitasse uma nova linha de estudos clássicos.

2.2 – Sócrates e a formação do homem teórico

O filósofo caracteriza o instinto apolíneo como o processo de criação do indivíduo, o princípio de individuação dentro da arte, da consciência de si; “Com Apolo são conservados os limites da personalidade pela afirmação do indivíduo enquanto eu”, ao passo que o dionisíaco é a projeção dos instintos do êxtase para o externo, a liberação dos impulsos naturais, a intensificação dos recursos expressivos; “A extinção das barreiras e a dissolução do eu elevam o homem a um estado sobre-humano que faz com que de homem ele se transforme em deus, e de artista em obra de arte” (AZEREDO, 2008, p. 282 – 283). Nos escritos posteriores, Nietzsche dirá que a vida é efetivamente vontade, força e instinto, que são canalizados e interpretados pela consciência; dionisíaco e apolíneo. A relação entre esses dois espíritos antagônicos, segundo Nietzsche, será a responsável pela arte trágica; a possessão causada pela música, entoada pelo coro, com os componentes apolíneos da cena e da linguagem; “temos de entender a tragédia grega como sendo o coro dionisíaco que se extravasa, de forma contínua e renovada, num mundo apolíneo de imagens” (NIETZSCHE, 2005, p. 66). É precisamente essa aliança entre os dois que traz o êxtase para o palco, quando o coro entoa o canto depois da fatal descoberta de Édipo, “O salvador de Tebas revela-se, ao mesmo tempo, seu destruidor” (SZONDI, 2004, p. 93), ou depois de Ajax decretar seu fim. Essa abordagem nietzschiana da tragédia apresenta os gregos como pessimistas, que encontraram na arte uma forma de abordar o nascimento e o aniquilamento do herói, da vida em um contexto geral, sendo a arte a responsável por trazer um sentido à vida, a dignificá-la, para suportarmos a existência (NIETZSCHE, 2014, p. 124), é a vontade, como afirmação da vida, que responderá a esse pessimismo.

De todo modo, o mais importante para esse trabalho trata-se da abordagem do ponto de ruptura da tragédia clássica, ocorrido, segundo o filósofo, com Eurípedes. Para Nietzsche, Eurípedes excluiu o elemento do drama e do suspense para inserir o homem racional, o pensador teórico, segregando o elemento dionisíaco e desordenando o elemento apolíneo; sem o dionisíaco, a tragédia é estática e sem pulsão, sem o apolíneo, o espírito dionisíaco é

destrutivo. Para funcionar corretamente, ambos são necessários. Mas para Eurípedes, o elemento apolíneo era a forma do perfeito, enquanto que o dionisíaco era a representação da barbárie, selvageria e incivilidade;

[...] todos os cultos orgiásticos pretendem desafogar de uma vez a *ferocia* de um deus e transformá-la em orgia, para que depois ele se sinta mais livre e mais tranquilo e deixe os homens em paz. *Melos* (melodia) significa, conforme sua raiz, um calmante, não porque seja calmo em si, mas porque seus efeitos acalmam. (NIETZSCHE, 2014, p. 105)

Através de Eurípedes, era outra voz que falava, a voz de Sócrates. Será pela influência de Sócrates que Eurípedes abandonará o elemento trágico dionisíaco, para evidenciar e dar todo espaço para o racional apolíneo; a arte trágica precisa do impulso animalesco e inconsciente para existir, diferente do trabalho puramente teórico imposto por Eurípedes em suas obras; “Pois, se o critério se torna o grau de clareza do saber ou a consciência teórica do artista, a arte trágica, que expressa um saber inconsciente, estará consequentemente desclassificada” (MACHADO, 2005, p. 10). Uma maneira de exemplificar essa visão de Sócrates pode ser encontrada na “Parábola da biga”, descrita por ele no diálogo *Fedro*, onde descreve a alma humana como se fosse formada por dois cavalos alados, um branco, que é bem criado e representa o impulso racional e moral, e outro preto, que representa as paixões irracionais da alma; representou o cavalo branco, racional, como “amigo da opinião certa, para ser conduzido, não precisa ser esporeado” pois uma palavra de comando basta (PLATÃO, 2000, p. 74), enquanto que o preto, irracional, é “amigo da soberba e da lascívia” e dificilmente obedece (PLATÃO, 2000, p. 74). Em resumo, sua descrição do impulso racional apolíneo, que é naturalmente correto, e do irracional dionisíaco. A chegada da mentalidade de escravo (NIETZSCHE, 2005, p. 87), termo que será amplamente estudado nos seus escritos futuros, acontece com a virada da moral aristocrática por parte do racionalismo e antropocentrismo representados pelas palavras de Sócrates;

“Só por instinto”: com essa expressão tocamos o coração e o cerne da tendência socrática. Com ela, o socratismo condena tanto a arte como a ética vigentes: para onde quer que se dirija o seu olhar judicativo, ele vê a falta de percepção e o poder da ilusão, concluindo a partir dessa falta o caráter interiormente perverso e desprezível do que existe. Desse ponto de vista, Sócrates julgou-se na obrigatoriedade de corrigir a realidade existente: ele, o ser isolado, entra com uma fisionomia de desprezo e arrogância, como sendo o precursor de uma cultura, arte e moral de índole totalmente diferente (...) (NIETZSCHE, 2005, p. 100 – 101)

A ruptura da arte trágica será somente um dos sintomas iniciais da virada cultural e degeneração do helenismo produzida por Sócrates, colocado por Nietzsche como o ponto de virada da história universal (2005, p. 112). O papel desempenhado pela tragédia, de “fio condutor da formação grega” (JAEGER, 1986, p. 25), tem sua direção alterada, quando

Sócrates e Eurípedes levam as classes inferiores para o centro do palco, para avaliar a peça, pessoas que não tinham qualquer conhecimento ou preparação para isso (NIETZSCHE, 2005, p. 85), bem como manifestações políticas e populistas, assim como a retirada da figura do semideus de cena, apontado também por Aristófanes, no seu texto *As rãs*. Esse elemento dá forças para a revolta contra a aristocracia, por parte dos pequenos comerciantes, artesãos e a juventude (NIETZSCHE, 2014, p. 77), o que abalou a estrutura da sociedade ateniense;

Ao conceder a primazia ao elemento apolíneo-racional, Sócrates destruiu a tensão entre este elemento e o dionisíaco-irracional, quebrando assim a própria harmonia. Com isso, o que ele fez foi moralizar, escolasticizar, intelectualizar a concepção trágica do mundo da Grécia antiga. É a ele que se deve imputar todo o idealismo, moralismo e espiritualismo, que se vai refugiar espiritualmente a Grécia dos tempos subsequentes. (JAEGER, 1986, p. 496 – 497)

A exclusão desse elemento dionisíaco, bem como a corrupção do apolíneo, farão parte do princípio da degeneração do homem grego; Nietzsche relaciona a influência socrática no pensamento helênico à queda da cultura aristocrática e ascensão da burguesia e dos pequenos comerciantes (NIETZSCHE, 2017, p. 393), trazendo uma espécie menos elevada intelectual e culturalmente de homem a geração dos novos valores da sociedade; “homens de alma cotidiana, que à noite não parecem vencedores em carros triunfais, e sim mulas cansadas, nas quais a vida frequentemente exercitou seu chicote” (NIETZSCHE, 2014, p. 107).

A escola socrática do homem racional, o “pensatório” (ARISTÓFANES, 2003, p. 63), foi a responsável pela criação da nova forma de homem, o homem teórico (NIETZSCHE, 2005, p. 110). Os gregos tinham uma relação muito próxima com a arte, como é possível perceber pelo sucesso, influência e importância das tragédias, os pensadores pré-socráticos, que além do conhecimento científico utilizavam os impulsos artísticos, e com os mitos épicos. Mas com a ascensão da escola socrática de pensamento, todo esse lado místico e artístico foi deixado de lado, “o mito não era puro nem luminoso o bastante” (NIETZSCHE, 2008, p. 163), bem como a alteração no sentido das pesquisas e conhecimentos; Sócrates alterou o rumo cosmológico do conhecimento grego para uma filosofia antropocêntrica e racionalista, o homem como medida, pois acreditava que todos os problemas do mundo poderiam ser resolvidos puramente pela razão, sem necessidade de qualquer outro tipo de atividade para isso, depreciando tudo que era mundano em detrimento da transcendência e das ideias, bem como a exclusão dos ideais cavalheirescos, como coragem e força, antes mencionados no conceito da *arete*;

Com os gregos tudo avança rapidamente, mas também declina rapidamente; o movimento da máquina é tão intensificado, que uma única pedra jogada nas

engrenagens a faz explodir. Uma tal pedra foi Sócrates, por exemplo; numa só noite a evolução da ciência filosófica, até então maravilhosamente regular, mas sem dúvida acelerada demais, foi destruída. (NIETZSCHE, 2008, p. 164)

A busca pela verdade absoluta e a crença inabalável no ser e na razão, formaram a estrutura de pensamento da Grécia Alexandrina; Sócrates veio a se transformar na imagem símbolo da busca pela verdade, colocado como o primeiro degrau da investigação filosófica e científica (NIETZSCHE, 2005, p. 111), a representação da transição do antigo pensamento mítico e artístico para o conhecimento científico-filosófico. É possível indicar, desse modo, que a decadência, na perspectiva do Nietzsche trágico, se desenvolve a partir do racionalismo socrático e encontra uma ótima harmonização com a moral cristã (VATTIMO, 2010, p. 304).

Em resumo, Nietzsche apresenta a tragédia grega como um elemento de completa importância para a formação e manutenção da cultura e sociedade aristocráticas grega, do modo heleno de ser (NIETZSCHE, 2005, p. 42). No período arcaico e helênico, os homens eram naturalmente formados como superiores e nobres, e tudo que faziam, eram naturalmente superiores; “A história da formação grega (...) começa no mundo aristocrático da Grécia primitiva com o nascimento de um ideal definido de homem superior, ao qual aspira o escol da raça” (JAEGER, 1986, p. 24 – 25). Para abordar essa ideia, pretendeu evidenciar como os estudos sobre a filologia estavam relativamente equivocados; os gregos não eram otimistas, pelo contrário, e foi a forma de como lidaram com o pessimismo que significou a grande construção de sua sociedade. A tragédia representa um desses momentos em que os antigos precisaram lidar com o pessimismo, e foi através da arte que encontraram a forma de trabalhar com isso. A inserção de Dioniso na formação da tragédia mostra como a vontade instintual é importante para a criação e luta contra o pessimismo, onde somente a racionalidade não seria suficiente, significando uma fortificação, um sentimento de unidade com a natureza (NIETZSCHE, 2005, p. 116), e como esses dois poderes heterogêneos tem a força de governarem as criações, completando-os um ao outro (NIETZSCHE, 2008, p. 173). Da mesma forma, coloca Sócrates como o arquétipo do homem puramente racional, da ciência como sistema da busca pela resposta, da busca pela verdade. Esse sistema, segundo o pensador, desqualificou a arte, que tratava dos problemas da vida de modo pessimista, em detrimento do otimismo racional do conhecimento verdadeiro. A exclusão da estética e supervalorização de uma ética racionalista foram os motivadores da inversão da cultura grega aristocrática, que deu lugar a “mentalidade de escravo”, o momento em que “o populacho passa a preponderar na Grécia” (NIETZSCHE, 2017, p. 75), que no futuro será ainda mais corrompido e se tornará base do pensamento cristão, com Sócrates coroado como um “mártir

pré-cristão” (JAEGER, 1986, p. 493). A repressão e condenação dos instintos e do inconsciente, por parte de Sócrates, formaram um homem que é delineado somente pela razão; esse movimento, como diz Nietzsche, retirou o homem do seu trilho natural, que é da vontade e afirmação da vida, colocando-o no caminho do niilismo e da decadência (VATTIMO, 2010, p. 13). Reduzir a vida humana a um sistema racional é um equívoco. Grande parte do pensamento medievo e pensamento moderno se encontra alicerçado nesse ideal alexandrino de homem teórico, ou seja, todas novas construções filosóficas desenvolvidas pós período socrático, foram montadas em cima desse primeiro pavimento da ciência e do conhecimento, levando-o como a verdade absoluta e o único método correto.

3 – PERSPECTIVAS INICIAIS DA CRÍTICA À MORAL

3.1 – Ciência moderna e o sentido histórico metafísico

Nos textos seguintes, os principais focos da crítica e da construção do pensamento de Nietzsche serão sobre a metafísica, a ciência moderna ocidental e o começo de sua crítica à moral. Os textos *Humano, demasiado humano*, de 1877 – 78, *Aurora*, de 1881 e as primeiras partes de *Gaia ciência*, de 1882, dão ênfase a filosofia metafísica construída no ocidente a partir do racionalismo socrático, que, como já apontado anteriormente, representa o principal fundamento do desenvolvimento humano e científico ocidental. Da mesma forma, o desenvolvimento do sistema genealógico do autor ainda não está em pleno funcionamento; ainda utiliza de métodos que posteriormente não tornará a usar. A relação que tem com a história e as ciências naturais, da forma de como acontece nesse período de suas produções, não serão mais utilizadas a partir do Zarathustra. De todo modo, esse período do filósofo representa com grande importância o momento da sua completa ruptura com as ideias metafísicas, schopenhauerianas e kantianas, e o anúncio da forma que viria a trabalhar no futuro, focado na desconstrução dos valores do ocidente e da sua construção da filosofia do amanhã (NIETZSCHE, 2008, p. 9). Em sua visão, a ciência desse período tinha uma ligação direta com o pensamento positivista, que, conseqüentemente, buscava designar o papel da ciência na cultura (ITAPARICA, 2021, p. 121), representação de uma característica da modernidade.

Como já citado no capítulo anterior, Nietzsche coloca o pensamento racionalista antropocêntrico socrático como a estrutura a qual o mundo ocidental por completo se construiu; “os problemas filosóficos são novamente formulados tal como dois mil anos atrás” (NIETZSCHE, 2008, p. 15). É como se o pensamento socrático tivesse criado um sistema, até aquele momento, onde o *kósmos* era o que definia a direção do conhecimento e das investigações, inédito, e partir daquele ponto, somente esse sistema pudesse ser utilizado para novas construções; “O conhecimento foi, portanto, inventado. Dizer que ele foi inventado é dizer que ele não tem origem. É dizer, de maneira mais precisa, por mais paradoxal que seja, que o conhecimento não está em absoluto inscrito na natureza humana” (FOUCAULT, 2013, p. 25). A linguagem filosófica adotou uma forma única e, independente do ano, século, contexto e da nacionalidade, todos filósofos falavam e eram, de certo modo, condicionados a falar e trabalhar. Além disso, o autor diz que há um problema histórico; “Todos os filósofos

têm em comum o defeito de partir do homem atual e acreditar que, analisando-o, alcançam seu objetivo”. Como dito por Nietzsche, o homem não é um ser eterno, tampouco imutável; levar em consideração para a análise moral e social somente o homem considerado racional e civilizado (NIETZSCHE, 2008, p. 16), o que já é um equívoco, e pensar que tudo que existe, teleologicamente falando, é destinado e relacionado com esse homem idealizado, representa a falta de sentido histórico e esse mesmo pensamento racionalista repetitivo de séculos;

O sentido histórico (ou a capacidade de adivinhar depressa a hierarquia de valorações segundo as quais viveu um povo, uma sociedade, um homem, o “instinto divinatório” para as relações entre as valorações, para o relacionamento da autoridade, dos valores com a autoridade das forças atuantes). (NIETZSCHE, 2017, p. 156)

O homem não pode ser analisado como uma verdade eterna e imutável; “Mas tudo veio a ser; não existem fatos eternos: assim como não existem verdade absolutas” (NIETZSCHE, 2008, p. 16), tampouco, a ciência deve ser tratada como uma ferramenta para trazer o máximo de benefícios e prazeres, e afastar o seu contrário; além de ser uma percepção reducionista e distorcida da ciência, pois o homem não é o centro do universo, e sequer em algum momento foi, quem será o responsável por definir o que caracteriza prazer e desprazer, bem como, garantir que não estão entrelaçados, que quando se deseja um, se obtêm o outro na mesma intensidade? (NIETZSCHE, 2014, p. 61); “Ajustamos para nós um mundo em que podemos viver – supondo corpos, linhas, superfícies, causas e efeitos, movimento e repouso, forma e conteúdo: sem esses artigos de fé, ninguém suportaria hoje viver!” (NIETZSCHE, 2014, p. 135)

É a partir dessa forma de análise que os filósofos pensaram a vida e a ciência da época, como se houvesse uma coisa em si, a partir de “necessários pressupostos”; um fenômeno que existe por si só e que mostra toda a essência da vida e do mundo, um pensamento metafísico que analisa o estado do ponto de vista estático, como se existisse uma única e correta forma de inferência, sem o *devoir*, e se afastando da ideia de desenvolvimento e vir a ser da vida em sua totalidade; “gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sombra da primeira manhã” (FOUCAULT, 1998, p. 18). Essa forma de avaliação e análise, dirá Nietzsche, que fez o próprio humano construir as “exigências morais, estéticas e religiosas” (NIETZSCHE, 2005, p. 25) que determinaram o caminho tomado pelo ocidente, com “juízos proferidos antes de uma avaliação apropriada, comumente baseados na presunção implícita de que um teste não se faz necessário dado ser o juízo supostamente auto-evidente”

(HEIT, 2015, p. 241). Os filósofos acabaram por tratar os próprios sentimentos como essências fundamentais do homem, sem perceber a influência religiosa significativa nas estruturas de seus sistemas de pensamento (NIETZSCHE, 2008, p. 82), ou seja, esses “juízos auto-evidentes” criaram teorias filosóficas semelhantes a algumas das tradições religiosas, mesmo que indiretamente.

Nietzsche irá criticar essa ideia transcendental de constituição da moral a partir de um cenário fixo, pois, para ele, nada, nem mesmo a subjetividade, está fora do alcance das mudanças do vir a ser, bem como a vinculação científica, pois para ele, a ciência devia existir como um sistema cético e sem vinculação com o pensamento filosófico metafísico; a história como contraposição do metafísico, coisa que para ele, não acontecia de fato, pois a ciência partia de alguns pressupostos de verdade absoluta. A ciência não poderia estar relacionada com a filosofia (filosofia aqui como ele entendia que ela devia ser), pois, na filosofia, não existe a ideia de progresso e certeza, de resultados exatos; tudo deve ser analisado conforme o contexto, história e etc., tendo em vista o formato ainda muito positivista da ciência de sua época. Não é certo confundir os homens da ciência com os filósofos, cada um com o seu trabalho e seu método. (NIETZSCHE, 2017, p. 144)

Em consonância com as ciências naturais, sendo que “há larga evidência que Nietzsche aprovava descobertas científicas, lia a literatura científica e mesmo pretendia estudar química e física, e era profundamente influenciado pela sua contemporaneidade anti-religiosa e anti-metafísica” (HEIT, 2015, p. 239), Nietzsche dirá, nesse momento da construção de sua filosofia, que os processos de análise para uma construção moral devem partir de avaliações históricas, psicológicas e químicas (NIETZSCHE, 2008, p. 15), vinculadas a uma ciência não dogmática, e não pela vontade cega de verdade, que era a propriedade principal da ciência de sua crítica; “ainda tiramos nossa flama daquele fogo que uma fé milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina” (NIETZSCHE, 2014, p. 2010). A oposição do filosofar e pensar histórico contra o pensar metafísico, de uma conjectura de verdade absoluta.

No seu entendimento, nem a vida humana e nem o mundo, possuem um caráter geral de ordem, objetivo e finalidade; os “antropomorfismos estéticos” criados pelo homem refletem somente a incapacidade de relação que a sociedade e o pensamento humano têm com a contingência da existência; “Não há quaisquer fenômenos morais, mas apenas uma interpretação moral de fenômenos...” (NIETZSCHE, 2017, p. 95). O mundo, enquanto natureza, não é perfeito nem imperfeito, não é belo nem feio, nobre ou indigno, pois tudo isso

é atribuição humana, “juízos estéticos e morais”, que refletem somente a formação do pensamento humano;

Uma tábua de bens encontra-se pendurada sobre cada povo. Olha é sua tábua de superações; olha, é a voz de sua vontade de poder. (...) foi o homem que pôs valor nas coisas para se manter – foi ele que criou o sentido das coisas, sentido humano! Por isso denomina-se “homem”, isto é: o avaliador (NIETZSCHE, 2017, p. 78 – 79)

Não existe, na perspectiva de Nietzsche, qualquer estaticidade ou verdade nos juízos morais, pois eles são mutáveis, vieram a ser (NIETZSCHE, 2008, p. 78). Essa forma de pensamento foi tão amplamente defendida e aplicada na formação humana que se tornou “quase patrimônio fundamental da espécie humana” (NIETZSCHE, 2014, p. 127), normas que serviam como referenciais para determinar o verdadeiro e o falso, o justo e injusto, certo e errado; “As características que foram atribuídas ao “ser verdadeiro” das coisas são características do não-ser, do *nada* – o “mundo verdadeiro” foi construído em oposição ao mundo real: na verdade, ele é um mundo aparente na medida em que é meramente uma ilusão *ótico-moral*” (NIETZSCHE, 2015, p. 39). Ou seja, Nietzsche não busca apresentar argumentos que identifiquem verdades absolutas, pelo contrário; pretendo apresentar como a metafísica, alicerçada em uma pretensão de verdade absoluta sobre o mundo, infere em erros interpretativos sobre a realidade da existência.

A discussão sobre a moral começa a ganhar espaço nos textos nietzschianos nesse período; a proximidade com Paul Rée lhe trouxe mais contato com a discussão sobre a moralidade (NIETZSCHE, 2020, p. 9), bem como a formação da moral e da cultura. Nesse período, antes da década de 80, Nietzsche compartilhava alguns conceitos com o companheiro e amigo, porém, posteriormente, iria discordar de grande parte do pensamento de Rée. Já desde esse período, o autor colocará a moralidade como um processo de transmissão de educação e cultura a partir de um condicionamento;

Assim entendida, a história é ao mesmo tempo o fundamento e a expressão característica da moderna civilização de massa, em que as exigências da produção requerem um tipo médio de homem suficientemente informado, mas desprovido do sentido da individualidade e dominado pelo instinto do rebanho. (VATTIMO, 2010, p. 17)

Uma das principais críticas de Nietzsche ao pensamento moral da época é a falta de sentido histórico; posteriormente, criaria o método genealógico como ferramenta de diagnóstico. Para o autor, a moralidade já está tão incorporada ao pensamento do homem que sequer se percebe a força da coerção e repressão da sociedade, do instinto de rebanho; “Depois ela [a moralidade] se torna costume, mais tarde obediência livre, e finalmente quase

instinto” (NIETZSCHE, 2008, p. 71). Por não analisarem o contexto histórico da formação da moral e da sociedade, as avaliações morais dos filósofos anteriores a ele, são sempre baseadas no mesmo princípio racional socrático. Essa imposição induzida pela sociedade já determina as boas e más ações. Conforme evidencia o autor, e nas palavras deste, “(...) fica evidente que o mundo não é nem bom nem mau, e tampouco melhor ou pior, e os conceitos “bom” e “mau” só tem sentido em relação aos homens, e mesmo aí talvez não se justifiquem do modo de como são habitualmente empregados” (NIETZSCHE, 2008, p. 35).

3.2 – Instinto de rebanho e moral do nobre e escravo

O instinto de conservação da espécie foi um dos principais motivadores de sua preservação; durante muito tempo, a moralidade sequer existia, os valores de defesa do homem e do seu valor elevado não existiam. A força e a ânsia de domínio davam o poder aos mais fortes, os que fizeram a humanidade avançar mais (NIETZSCHE, 2014, p. 55). O surgimento dos fundadores das morais e religiões favoreceu a derrocada do homem superior, que passou a ser uma criatura fantástica, que precisa enormemente “preencher a sua condição existencial” (NIETZSCHE, 2014, p. 52) com explicações sobre a vida e o mundo. A consciência, enquanto último elemento a se desenvolver no homem, acaba sendo tiranizada por esses preceitos morais, negando os instintos originários do humano. É a partir desses valores e preceitos morais que a sociedade determina as virtudes; se analisado de perto, é possível perceber que as virtudes têm relação com os efeitos que geram na sociedade, como altruísmo, castidade e piedade, e não em relação direta com quem a possui (NIETZSCHE, 2014, p. 67), pelo contrário, inclusive. Na leitura nietzschiana, essas características são nocivas a vida, pois, além da tiranização e submissão que a moralidade gera, o instinto de expansão e poder é negado e reprimido. O homem enquanto instrumento de docilização da sociedade; “cada virtude do indivíduo torna-se uma utilidade pública e uma desvantagem particular” (NIETZSCHE, 2014, p. 69). Em seus escritos posteriores, tratará com maior ênfase e desenvolvimento a ideia de avaliação e hierarquização dos impulsos e atos humanos a partir da moralidade, significado direto do instinto de rebanho; rebanho precisamente no sentido de necessidade comunitária, ação que parte do princípio de utilidade para o social e moral; “Moralidade é o instinto de rebanho no indivíduo” (NIETZSCHE, 2014, p. 133), individualidade essa que durante muito tempo foi vista de modo adverso, pois ser indivíduo em uma sociedade de rebanho era ser como um estrangeiro em uma sociedade xenofóbica.

O homem do rebanho, dentro dessa sociedade gregária, é a única espécie de homem permitida, pois é a partir deles que o poder moral mantém seu domínio, domesticando o homem para ele ser o mais útil ao rebanho possível, atribuindo qualidades como “solidariedade, benevolência, consideração, diligência, moderação, modéstia, indulgência, compaixão” (NIETZSCHE, 2017, p. 122), com caráter de virtude, mas que somente servem ao grupo, à conservação da comunidade, e não ao indivíduo; “um aplanamento e uma mediocrização do homem – um animal humano de rebanho, útil e laborioso, de múltiplos usos e habilidades” (NIETZSCHE, 2017, p. 180). Nada que separasse ou elevasse o indivíduo era visto de modo imoral, pois, na Europa de sua época, toda moral era moral de animais de rebanho, de animais de carga; ““O que é pesado?” Assim pergunta o espírito de carga, assim se ajoelha, como o camelo, e quer ser carregado abundantemente” (NIETZSCHE, 2017, p. 42). O autor dirá, inclusive, que esse instinto se moveu e foi expressado até em instituições políticas e sociais; “o movimento democrático constitui a herança do movimento cristão” (NIETZSCHE, 2017, p. 216). Em outros momentos Nietzsche já indicava sua contrariedade ao sistema democrático, o que certamente ajudou no erro interpretativo de seu pensamento, comumente relacionado ao nazismo, algo que é absolutamente fora de contexto.

Para o filósofo, a moral europeia serve como um disfarce para o estado deteriorado da consciência do homem, que aproveita para se esconder atrás de valores morais já determinados para não precisar expor sua incapacidade de lidar com a realidade. Esses valores parecem equilibrar e harmonizar a aparência moral do ser, um pouco por ser padronizada para todos igualmente, um pouco por ter a consagração da sociedade;

Não que eu pense que nisso a malvadeza e baixeza humana, o bicho mau e selvagem que há em nós, digamos, deveria ser dissimulado; é minha ideia, pelo contrário, que justamente como *bichos domesticados* como um espetáculo vergonhoso e necessitamos do travestimento moral. (NIETZSCHE, 2014, p. 219)

Mais adiante em seus estudos, Nietzsche perceberá com mais nitidez a importância da religião nesse processo de coerção, condicionamento moral e narcótico europeu (NIETZSCHE, 2014, p. 147.). Nesse texto, já faz alguns apontamentos sobre o assunto, mas não com a contundência que viria a ter no futuro. Para Nietzsche, enquanto o Renascimento representou um grande avanço na cultura superior, uma forma de retomada dos grandes ideais antigos, mesmo que de uma forma razoavelmente distorcida, a reforma protestante deu ainda mais força aos espíritos atrasados que comandavam a moral europeia (NIETZSCHE, 2008, p. 151). Essa consciência social metafísica procura justificar suas esperanças e produzir paz de espírito, algo que a ciência natural não pode proporcionar. O espelho criado pelas religiões ocidentais (NIETZSCHE, 2008, p. 95), principalmente a cristã, que fixavam uma forma de

vida e costumes, deixa evidente a distância da idealização do homem perfeito, racional e justo, inspirado no seu Deus, e a aparência real do homem;

Examinando uma a uma as teses morais dos documentos do cristianismo, veremos que os requisitos são exagerados de modo que o homem não *possa* satisfazê-los; a intenção não é que ele se torne mais moral, mas que se sinta *o mais possível* pecador. (NIETZSCHE, 2008, p. 103)

A incapacidade de alcançar tão elevado estado de espírito, de realizar apenas ações “bem-aventuradas”, de manter na mente somente o evangelho gera um sentimento de autodesprezo (NIETZSCHE, 2008, P. 96); o homem inserido dentro dessa moral alienante não consegue perceber que vive sob regras morais criadas a partir de ilusões vindas do próprio pensamento humano, inferiorizado e submisso ao que ele mesmo criou; “negar, despedaçar, aturdir, embriagar” (NIETZSCHE, 2008, p. 88). A diferença entre o ideal divino do período grego com o cristão é clara; enquanto o grego se espelhava nos deuses homéricos, divindades que não estavam acima deles, mas apenas como um grau vitorioso superior, os cristãos elevaram seu deus à perfeição, algo inalcançável, com uma relação de submissão e poder; “Mesmo diante de infortúnios, a palavra acrescida a eles [*os gregos*] é a insensatez, mas jamais pecado” (AZEREDO, 2008, p. 279). Como ele mesmo fala, na época do politeísmo, um deus não era o contrário do outro, sequer seu oponente, significava apenas a forma de expressão e de pensamento que cada indivíduo tomava e preferia para si. A criação do deus único, eterno e perfeito possivelmente tenha sido “o maior perigo para a humanidade até então” (NIETZSCHE, 2014, p. 145), pois deixou como referencial para a formação do homem, da sociedade e do instinto essa perspectiva deformada da realidade.

Outro ponto de observação da crítica do autor nesse aspecto, foi direcionado à linguagem; a criação da linguagem representa mais um elemento do desenvolvimento estrutural metafísico da ciência. A utilização da linguagem para se referir à essência das coisas, traduz uma perspectiva de método e resposta verdadeira para o conhecimento. A linguagem passou a representar a formação de outro mundo à parte, desenvolvido com status de *aeternae veritates*; “pensou ter realmente na linguagem o conhecimento do mundo” (NIETZSCHE, 2008, p. 20). As palavras transcenderam todos os sentidos, alcançando a real essência do que indicava; pouco importa o que aquilo é, importa somente o que a palavra determina como sentido e significado, a aparência e a definição se enraizaram como essência. É nesse aspecto que o pensamento consciente é colocado em alta posição, pois entende-se que é a partir dele que é possível conhecer e determinar as coisas do mundo, pois para o autor, o desenvolvimento da consciência tem relação direta com a necessidade de comunicação, pelas

ameaças predatórias, pela proteção e ajuda, servindo como uma rede de comunicação entre as pessoas (NIETZSCHE, 2014, p. 222). Para Nietzsche, o conhecimento surge de um combate unilateral, desenvolvido pelos impulsos inconscientes do homem, chegando a consciência somente o último resultado desse embate; “apenas agora começa a raiar para nós a verdade de que a atividade de nosso espírito ocorre, em sua maior parte, de maneira inconsciente e não sentida por nós” (NIETZSCHE, 2014, p. 196). O papel da consciência e da linguagem tem uma estreita relação no ser humano;

O ser humano, como toda criatura viva, pensa continuamente, mas não o sabe; o pensar que se torna *consciente* é apenas a parte menor, a mais superficial, a pior, digamos: - pois apenas esse pensar consciente *ocorre em palavras, ou seja, em signos de comunicação*, com o que se revela a origem da própria consciência. (NIETZSCHE, 2014, p. 222)

E não somente na circunstância da linguagem e do conhecimento, mas também da avaliação moral dos atos e pensamentos. Todo julgamento automático, que é feito de modo irrefletido, demonstra como a moral de rebanho foi inserida no pensamento coletivo e também como o homem é incapaz de refletir e observar, não somente o outro, mas também a si mesmo, que age sempre da mesma forma, tomando julgamento prontos e antigos como axiomas eternos. Segundo Nietzsche: “Mas que você ouça este ou aquele juízo como voz da consciência, isto é, que sinta algo como certo, pode ser devido a que você nunca tenha meditado sobre si e tenha cegamente acolhido o que desde a infância lhe foi designado como certo” (NIETZSCHE, 2014, p. 198). O olhar cotidiano do homem é carregado de preconceitos e hábitos morais, tendo em vista que “a consciência não tem papel fundamental e os órgãos do conhecimento obedecem aos condicionantes” (AZEREDO, 2002, p. 82), ou seja, o efeito prático do intelecto é subsequente aos impulsos orgânicos do homem, o que acaba por colocar em entrave a condição de superioridade racional.

Sua contrariedade a ética dos deveres tem uma estreita relação com sua compreensão cíclica do tempo, da sua teoria do eterno retorno, conceito de suma importância em sua filosofia, mas que será abordado de modo resumido, por fazer parte de outra proposta de pesquisa, que seria da transvaloração de todos os valores. O mundo é composto por uma união de um tempo infinito com uma finita quantidade de forças e incontáveis possibilidades de encontros; quando determinado uma quantidade finita de forças, necessariamente haverá uma quantidade finita de encontros. O passado se liga ao presente, como o presente se liga com o futuro. Todos interligados de maneira contínua e característica da ideia de retorno do momento. Desse modo, para Nietzsche, toda ação é única e individual, de modo que qualquer tipo de julgamento de um ato é um equívoco, pois apenas o envolvido na situação é que

poderia avaliar. Todo o arcabouço psicológico e temporal envolvido no momento diferencia completamente as reações, percepções e julgamentos de cada pessoa, impossibilitando assim, a criação ou determinação de uma tábua de valores e ações colocadas como corretas. Ao invés de metafísicos e transcendentais, “temos de ser *físicos*” para a criação de valores a partir do que é real e individual. A necessidade de verdade, essa “absoluta vontade de verdade” (NIETZSCHE, 2014, p. 209), construiu um homem que busca e necessita de valores de verdade e moralidade para poder viver e agir, um homem que carrega nas costas toda história da moralidade sem sequer se questionar sobre, como o camelo, primeira faze das três transmutações. Para o autor, nada daquilo que acontece no mundo, seja no aspecto humano ou da natureza, tem qualquer relação causal com o divino ou mesmo com as leis morais, o homem apenas foi colocado como medida, balança e juiz do mundo; “sabemos que o mundo que habitamos é imoral, inumano e “indivino” (NIETZSCHE, 2014, p. 212). Seria uma ingenuidade acreditar que um imperativo de dever seria a representação do melhor do homem, tendo em vista a grande riqueza e exuberância da mudança e da diferença (NIETZSCHE, 2015, p. 47).

A maioria dos filósofos da modernidade entenderam a moral como uma ciência, tentando, desse modo, fundamentar a moral como um conhecimento exato e imutável, mas somente fizeram uma análise arbitrária do que conseguiam enxergar, “como um resumo ocasional, mais ou menos como a moralidade de seu ambiente, de sua classe, de sua igreja, do espírito de sua época” (NIETZSCHE, 2017, p. 109). Segundo o autor, em nenhum momento foi percebido a principal problemática de abordar, estudar e tentar fundamentar a moral dessa forma, que era propriamente ter uma fé na moral dominante, negando as demais perspectivas sobre a existência. Para ele, toda moral é uma forma de coação e tirania sobre a natureza do homem, que o condiciona a justificar seus atos perante aos demais do rebanho, tranquiliza-lo espiritualmente por estar agindo conforme os ditames, humilhando-se e rebaixando sua vontade e seu valor sob os valores determinados; “mas a vida mesma é vontade de poder” (NIETZSCHE, 2017, p. 36), força e expansão;

A escravidão é, segundo parece, no sentido mais grosseiro como no mais sutil, o meio imprescindível também para a disciplina e o cultivo espiritual. Pode-se observar toda moral por este aspecto; é a “natureza” nela que ensina a odiar o *laissez aller*, a liberdade demasiada, e que planta a necessidade de horizontes limitados. (NIETZSCHE, 2017, p. 111 – 112)

Algo importante a ser citado é a diferenciação que o pensador faz das duas formas morais, a do nobre e do escravo, que foi um conceito paradoxal, acabando por gerar suspeitas²

²Conforme textos adulterados por sua irmã, a antissemita Elizabeth Forster-Nietzsche, que incluí o livro Vontade

sobre suas ideias e conceitos. Ligado diretamente aos pensamentos aristocráticos da Grécia homérica, o pensador apresenta a forma de moral do nobre como a do aristocrata grego, aquele que tinha ligações com o conhecimento sublime; os seres olímpicos representavam uma casta superior que todos os homens queriam alcançar, diferente do papel moral judaico/cristão, que será visto posteriormente, que elevou ao grau máximo a posição divina e rebaixou a posição humana;

Já o cristianismo esmagou e despedaçou o homem por completo, e o mergulhou como num lodaçal profundo: então, nesse sentimento de total abjeção, de repente fez brilhar o esplendor de uma misericórdia divina, de modo que o homem surpreendido, aturdido pela graça, soltou um grito de êxtase e por um momento acreditou carregar o céu dentro de si. (NIETZSCHE, 2005, p. 88).

Quando os valores são determinados pelos senhores, o “bom” é visto como o nobre e aristocrático (NIETZSCHE, 2020, p. 18), enquanto o “mau” é o desprezível, medroso, interesseiro (NIETZSCHE, 2020, p. 17). Conteúdo diverso da moral dos escravos, que passou todo tempo sendo a dominada e oprimida, gerando uma situação desfavorável para a manutenção do seu próprio pensamento. Sua moral, derivada de uma suspeição pessimista, vê o “bom” como tudo aquilo que lhe favorece, que é útil (NIETZSCHE, 2020, p. 16), como um “bom” homem inofensivo, que é piedoso e benevolente. O “mau” passa a ser todo aquele que venha a suscitar medo; deste modo, trata-se quase da oposição dos ideais do nobre;

Aqui é preciso pensar profundamente a fundo e se defender de toda fraqueza sentimental: a própria vida é *essencialmente* apropriação, ofensa, sujeição do alheio e do mais fraco, opressão, dureza, imposição das próprias formas, incorporação e, pelo menos, no caso mais ameno, exploração [...] ele terá de ser a vontade de poder encarnada, ele querará crescer, expandir-se, atrair para si, ganhar a preponderância – não em razão de alguma moralidade ou imoralidade, mas porque *vive*, e porque a vida é precisamente vontade de poder. (NIETZSCHE, 2017, p. 203).

Durante todo o tempo, o homem comum interliga sua interpretação moral com as ações, enquanto o nobre, criador por excelência, liga sua moral aos homens, para posteriormente estendê-la às ações. Ou seja, para o nobre, bom é tudo aquilo que afirma e supera, que domina o fraco, o homem forte, enquanto que para o fraco, o bom é tudo que não lhe fere e prejudica, promovendo uma melhora ou mesmo condições favoráveis a ele. Em resumo, enquanto a moral do nobre avalia o próprio homem, conferindo-lhe todo o poder de criação, a moral do fraco avalia a ação do homem em um contexto de atos pré-determinados, na expectativa da benevolência e compaixão. O mesmo ocorre com o significado do mau, que para o nobre é aquele que possui medo, que não enfrenta as divergências e esconde-se, “o que é ruim – é *covarde!* (NIETZSCHE, 2017, p. 224), enquanto que para o escravo corresponde ao que gera

medo, desconfiança ou suspeita, aquele que lhe crie problemas a serem enfrentados; quer dizer, o mau do nobre é aquele que foge com medo, enquanto que para o escravo é aquele que, com suas ações, lhe cause medo e, de certa forma, dor;

[...] quando os dominantes determinam o conceito de “bom”, são os estados de alma elevados e orgulhosos que são sentidos como o fator distintivo e determinante da hierarquia. [...] é diferente com o segundo tipo de moral, a *moral dos escravos*. Supondo que os violentados, oprimidos, sofredores, cativos, inseguros e cansados moralizem: o que haverá de análogo em suas valorações morais? Provavelmente ganhará expressão uma suspeita pessimista em relação a toda a situação do homem, talvez uma condenação do homem juntamente com a sua situação. (NIETZSCHE, 2017, p. 203-206)

Dessa maneira, as bases valorativas dos princípios morais são determinadas conforme a conveniência e o proveito dos atos; o vantajoso para a maioria, de acordo com as regras morais, é a lei. O caminhar da nobreza sacerdotal acabou distanciando-se da nobreza guerreira com o tempo, o que gerou incongruências nas acepções da moral.

Esse período da obra do autor fica marcado pela crítica a filosofia ligada a um método científico que ainda utilizava as mesmas bases metafísicas e transcendentais, bem como o princípio de sua crítica à moral e à religião, que tomariam maior corpo nos textos subsequentes.

O pensamento racionalista, característico da modernidade e de herança grega, representou uma virada antropocêntrica na história e na moral; se antes o medievalismo era predominante, com o renascimento e o iluminismo, o homem tornará a ser o ponto de inflexão. Porém, mesmo com a ruptura, a religião continuou a ter um papel de destaque na sociedade, bem como o sistema socrático retomou seu vigor. O homem foi elevado a posição de semideus, pela sua razão, e determinado como uma verdade eterna e imutável, algo que Nietzsche será completamente contra. A ideia de progresso humano e científico desse período é equivocada, tanto por não representar efetivamente um progresso, aos olhos de Nietzsche, como por não ser adequado misturar ciências exatas e técnicas com o conhecimento e vida humanos. Da mesma forma, fala sobre a moral; nesse período de seus escritos, ainda não desenvolveu sua ferramenta genealógica, algo que fará muita diferença para explicar a origem e a decadência da moral nos textos posteriores. O condicionamento e a domesticação foram os principais elementos formadores do pensamento moral, bem como a ideia de conservação e rebanho. O homem dentro do instinto de rebanho tem seu papel determinado desde o começo; servir e ser útil a comunidade, característica do niilismo. Essa coerção de séculos fez com que a consciência e vontade do homem se tornasse naturalmente deteriorada, ou seja, desde a mais

tenra idade, o indivíduo é condicionado e controlado pelas forças da moral, que vão determinar seus passos. E é nesse ponto que a religião possui uma forte influência; mais fácil que controlar o homem pela moral, é controlá-lo pela fé. Os mandamentos das religiões, no caso nietzschiano, com ênfase ao cristianismo, servem como regramentos e ditames para as ações e abstenções, que somente com a palavra 'divino' submete a sociedade.

4 – CRISTIANISMO E CARACTERÍSTICAS DA DECADÊNCIA

4.1 – Espírito da *Décadence*

Na fase final da obra nietzschiana, nos últimos três anos, seus estudos se voltaram com ainda maior ênfase, primeiramente, à moral, agora de modo genealógico, e a religião, como evidenciado por sua correspondência e textos finais, como *O Anticristo*, de 1888. Fica evidente nessa parte final de sua vida lúcida que Nietzsche se empenhava em terminar com seu trabalho de desconstrução da filosofia racionalista transcendental, que elevou a racionalidade do homem a tal ponto que o instintual se tornou um erro, e à religião cristã, que para ele, foi o ponto alto da decadência e do niilismo impostos a sociedade;

Esse significado inicial de *décadence* como um diagnóstico cultural, de cujo campo lexical obtêm-se centenas de exemplos nos póstumos e nos textos publicados, transformar-se-á, uma vez mais, no período tardio da obra, a saber: num decaimento fisiológico que parece ser tributário das ciências da natureza – sendo inclusive por estas mensurável. Os *décadents*, na obra da maturidade, surgem como tipos decaídos, cuja vontade se revela alquebrada e que, portanto, cultivam a vontade de nada. (SOMMER, p. 21, 2017)

Fez o diagnóstico da decadência de sua época e determinou como os primeiros *décadents* Sócrates e Platão; nesse ponto é importante contextualizar o que Nietzsche entende por *décadent*; uma reformulação do sentido dado por Paul Bourget, que se referia a questões literárias, a emancipação da página frente ao livro, ou da frase frente a página, como o filósofo mencionou no *Caso Wagner*, “A palavra se torna soberana e pula fora da frase, a frase transborda e obscurece o sentido da página, a página ganha vida em detrimento do todo – o todo já não é um todo” (NIETZSCHE, 1999, p. 22), e, como reforça Müller-Lauter, “a *décadence* enquanto processo pelo qual se tornam independentes partes subordinadas no interior de um organismo” (p. 12, 1999). No caso de Nietzsche, como a já mencionada atenção e interesse as descobertas das ciências biológicas da época, o termo tem um significado mais próximo de um organismo que deixar de fazer parte do todo e se torna independente, ou seja, uma independência instintual fora do padrão de força e vontade naturais;

Para um fisiólogo, tal antinomia de valores não deixa a menor dúvida. Quando, no interior do organismo, o mais infimo dos órgãos deixa de impor por um instante que seja a sua auto conservação, a sua renovação de forças, o seu “egoísmo” com absoluta certeza, o todo degenera. (NIETZSCHE, 2017, p. 412)

Nietzsche estava se referindo à independência dos instintos, face a moralização, que determine a ordem instintual, de pensamento e ação, de modo externo para interno, ou seja, ao contrário do natural, em sua visão, baseado na valoração da sociedade; “(...) desregramento e anarquia dos instintos (...)” (NIETZSCHE, 2015, p. 28). Nesse caso, o estímulo parte do externo, as regras morais, e determina a exclusão da vontade fora da ordenação da sociedade; essa determinação traz uma decadência às forças vitais, provocando uma barreira condicionadora nos pensamentos, ações e instintos, reduzindo o homem, enquanto pluralidade de forças e vontade de potência, a um enfraquecimento e degradação dos instintos e forças; “Por toda parte, os instintos estavam em anarquia” (NIETZSCHE, 2015, p. 31). Inclusive, em seu texto autobiográfico, *Ecce homo*, ele se coloca como um *décadent* que se recuperou, que, em certa parcela, era *décadent* pela sua doença, que viria a terminar com sua vida lúcida ainda em 1889, mas também um *décadent* de modo hereditário, tendo em vista a similaridade com a morbidade de seu pai e enquanto filho de seu tempo, um tempo de declínio;

Desconsiderando o fato de que eu sou um *décadent*, sou também o seu contrário. Minha prova para isso é, entre outras coisas, o fato de eu sempre ter escolhido instintivamente, os meios corretos contra as situações graves; enquanto o *décadent* costuma escolher sempre os meios prejudiciais a si mesmo. Como *summa summarium*, eu era saudável; como parcela, como especialidade, eu era *décadent*. Aquela energia para o isolamento e para o rompimento de relações costumeiras, a compulsão contra mim mesmo, a vontade de não deixar mais me tratem, me servirem, me medicarem. (NIETZSCHE, 2017, p. 348)

Enquanto a decadência se aproxima de um sentido fisiológico (NIETZSCHE, 2015, p. 116), fisiologia aqui entendida na mesma linha das ciências de sua época, mas também como uma luta de forças dentro do homem (MÜLLER-LAUTER, 1999, p. 22), o niilismo se aproxima da teoria e da doutrina da moralidade. Em uma visão histórica, o niilismo normalmente fora caracterizado como uma perda do sentido da vida, uma “nadificação” da existência moral, uma vida desregada, um sujeito que vive indiferente aos valores sociais. Em Nietzsche, o sentido tomado pelo autor toma outro caminho; em linhas gerais, para o autor, vida é precisamente vontade de poder, expansão da vida (NIETZSCHE, 2017, p. 203), e a moralidade exerce uma força de controle e corrupção dessa vontade e dessa força instintual, o que aí sim causa uma perda do sentido da vida; “Por possuir uma gênese moral, o niilismo se radicaliza na medida em que a interpretação moral se impõe como dominante” (ARALDI, 1998, p. 76).

De todo modo, essa exclusão e impedimento de ações e pensamentos, ditadas pelos valores e regras da moralidade, foi vista pelo filósofo pela primeira vez com Sócrates e Platão, *décadents* da cultura e filosofia grega, personagens desgarrados dos instintos básicos do

helenismo e referências ao pensamento pré-cristão (NIETZSCHE, 2015, p. 130). É a partir da inserção do racionalismo socrático que começa a dissolução e declínio da cultura aristocrática grega; “a velha Atenas chegava ao fim” (NIETZSCHE, 2015, p. 31). A razão expandiu-se contra os instintos, desagregando as funções fisiológicas (MÜLLER-LAUTER, 1999, p. 19). A ideia de melhoramento da humanidade, por meio da racionalização e uniformização gregária, foi contra a beleza e exuberância da pluralidade, vista por Nietzsche como o impulso da nobreza. Quando um filósofo determina os valores da vida, ele age de maneira equivocada, pois analisa pela sua ilusão moral, analisa conforme suas interpretações da vida e realidade; “[...] o “mundo verdadeiro” foi construído em oposição ao mundo real: na verdade, ele é um mundo aparente na medida em que é meramente uma ilusão *ótico-moral*” (NIETZSCHE, 2009, pág. 39). Para o autor, não existem fatos ou mesmo fenômenos morais, tudo se baseia em uma interpretação moral dos fatos e fenômenos, feita pelo indivíduo, que na maior parte das vezes, busca uma espécie de melhoramento do homem. Essa domesticação do animal homem trouxe consequências basilares para a formação da sociedade; transformou a força do homem em uma caricatura doente e perversa. A luta contra os desejos e instintos corrompeu até enfraquecê-lo e transmutá-lo para a maneira desejada. Como se fosse um retorno ao começo de seus escritos, vai indicar que o princípio da decadência e do niilismo foi com a deturpação do sentido trágico e com a filosofia racionalista e antropocêntrica de Sócrates; “Reconheci Sócrates e Platão como sintomas do declínio, como instrumentos da dissolução grega, como pseudogregos, antigregos.” (NIETZSCHE, 2015, p. 27).

Na perspectiva do filósofo, a vida dos gregos homéricos era exuberante e enérgica, algo que acabou sendo degenerado pela nova visão de um mundo superior, real e perfeito. A influência do método socrático foi determinante para o desenvolvimento da moral posterior a ele; o “homem teórico” e a busca pela verdade através da razão, uma crença na superioridade máxima do pensamento enquanto poder de conhecimento e capacidade de ser. A razão e o conhecimento passam a serem vistos como uma solução universal para todos os problemas. Isso significou uma inversão da percepção, por parte da filosofia socrático/platônica, colocado pelo autor como um momento característico do niilismo;

O momento que passa, o dito espirituoso, a levandade, o capricho, são as suas divindades supremas; o quinto estado, o do escravo, chega agora ao poder, pelo menos no que diz respeito a mentalidade: e agora, se ainda se pode falar de “serenidade grega”, trata-se da serenidade do escravo que nada tem de pesado como responsabilidade, nada de grande como ambição, nada de passado ou futuro que saiba apreciar melhor do que o presente. (NIETZSCHE, 2005, p. 87).

Além de tratar-se de uma renúncia à vida e à realidade, essa hierarquização dos impulsos e atos do homem caracterizam um processo de redução e adaptação do homem

enquanto indivíduo integrante de uma sociedade para um homem unificado, uniforme e padrão, componente de um grupo, “instintos decadentes como *norma* do juízo sociológico de valor” (NIETZSCHE, 2015, p. 109), e encarregado de suas características pré-definidas e ações dentro desse grupo; “Todo erro, em todos os sentidos, é uma consequência de uma degeneração dos instintos, de uma desagregação da vontade: com isso quase se define aquilo que é *ruim*. Tudo aquilo que é *bom* é instinto – e, conseqüentemente, leve, necessário, livre” (NIETZSCHE, 2015, p. 51). Uma maneira coercitiva de determinação dos atos individuais para uma adaptação dentro de uma realidade fantasiosa, vista como necessária para o andamento do mundo. O ato da reflexão acaba por ser um ato de condicionamento, “pois o pensar é apenas um modo de comportar-se desses impulsos uns em relação aos outros” (NIETZSCHE, 2017, p. 60), ou seja, a proposta da reflexão antes da ação gera um condicionamento da ação por parte da moral.

4.2 – Processo genealógico: ascetismo e ressentimento

No livro *Genealogia da Moral*, de 1887, o qual o autor escreveu como um complemento do anterior, *Além do bem e do mal*, de 1886, apresentou o conceito de genealogia, de maneira propriamente designada, entendido como uma busca à origem das coisas e ideias de um modo analítico e ruminado, buscando compreender cada característica e particularidade, que, mesmo que não nomeadamente, já era sua forma de trabalho;

Fazer a genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento, não será, portanto, partir em busca de sua “origem”, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história; será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos; (...) deixar-lhes o tempo de elevar-se do labirinto onde nenhuma verdade as manteve jamais sob sua guarda. (FOUCAULT, 1998, p. 19)

Fará, com ainda maior ênfase, um trabalho de busca da origem dos conceitos da moral do *nobre* e do *escravo*, ideias que são determinantes para, não apenas compreender o que o filósofo entende por bom e ruim na vida humana, mas também para não haver equívocos interpretativos de sua filosofia; “ (...) é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e modificaram (...)” (NIETZSCHE, 2020, p. 12). Ficando em contrariedade aos ideais cristãos, o conceito de bom na filosofia nietzschiana é aquilo que eleva o poder, que traz à tona a vontade de poder, de alcançar horizontes, a busca pelo poder no homem, enquanto o ruim é exatamente o oposto, aquilo que vêm da fraqueza e que gera fraqueza, como a falta e o medo;

O que é bom? – Tudo o que eleva a sensação de poder, a vontade de poder, o próprio poder no homem.

O que é ruim? – Tudo o que provém da fraqueza.

Não o contentamento, porém mais poder; acima de tudo *não* a paz, mas a guerra; *não* a virtude, mas a excelência (virtude no estilo da renascença, *virtú*, virtude sem moralina).

Os fracos e os malogrados devem sucumbir: primeira tese de *nosso* amor à humanidade. (NIETZSCHE, 2017, p. 249-250).

O embate das forças, a superação das resistências é exatamente aquilo que o homem precisa; o fraco deve sempre ser vencido pelo forte, seja como força, seja como impulso; “as forças mais selvagens abrem caminho, primeiramente destrutivas (...)” (NIETZSCHE, 2008, p. 156). Um ponto importante de ser entendido nesse momento é a fala sobre o “forte vencer o fraco”; assim como foi visto anteriormente, a ideia de força e impulso vencer o fraco não significa o homem contra o homem, mas sim de um cultivo dos valores nobres dentro do próprio homem; “o corpo consiste em impulsos que, agindo e resistindo uns em relação aos outros, fazem surgir diversas configurações e assumem várias formas de coordenação e conflito, organização e desintegração” (MARTON, 2009, p. 56). Os impulsos, instintos e forças que devem superar e se fazer valer dentro do homem são exatamente aqueles que elevam a sensação de poder e vontade de domínio;

Exigir da força que *não* se expresse como força, que *não* seja um querer-dominar, um querer vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força. Um *quantum* de força equivale a um mesmo *quantum* de impulso, vontade, atividade – melhor, nada mais é senão este mesmo impulso, este mesmo querer e atuar (...) (NIETZSCHE, 2020, p. 32-33).

Essa oposição de fraco e forte não significa uma busca por um fim último do ser humano, algo que seria disforme da filosofia nietzschiana, mas sim de uma busca pelo melhor do homem enquanto ele mesmo, um esforço de trazer um novo cultivo do homem aristocrático para o futuro; “O problema que com isso coloco não se refere ao que deve substituir a humanidade na sucessão dos seres (o homem é um *final*), mas ao tipo de homem que se deve *cultivar*, se deve *querer*, como sendo o de mais alto valor [...]” (NIETZSCHE, 2017, p. 250). Fica claro que, para o autor, a forma mais elevada de vida é aquela que cria a si mesmo, que se constrói a partir de seus instintos, pois qualquer coisa que seja viva “quer sobretudo *dar vazão* à sua força – a vida mesma é vontade de poder” (NIETZSCHE, 2017, p. 36)

O bom e ruim criaram ramificações de puro e impuro; já com essa ramificação houve uma mudança de sentido dos princípios, onde o puro está mais para o comedido, prudente e piedoso, que age conforme a razão e foge do combate, em oposição ao valente, desbravador e conquistador, que age conforme sua própria força e vontade. Essa oposição dentro dos valores

aristocráticos foi ganhando mais força conforme o tempo, constituindo um novo enfrentamento de morais. Mesmo derivando do aristocrático cavaleiresco, a moral sacerdotal desenvolveu-se de maneira diversa. A oposição da indômita vontade de poder com a compaixão produziu um sentimento negativo na classe sacerdotal;

Os juízos de valor cavaleiresco-aristocráticos têm como pressuposto uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica, e até mesmo transbordante, juntamente com aquilo que serve à conservação: guerra, aventura, caça, dança, torneios e tudo o que envolve uma atividade robusta, livre contente. O modo de valoração nobre-sacerdotal – já o vimos – tem outros pressupostos: para ele a guerra é mau negócio! Os sacerdotes são, como sabemos, *os mais terríveis inimigos* – por quê? Porque são os mais impotentes. Na sua impotência, o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa. (NIETZSCHE, 2020, p. 22 – 23).

O medo e a desconfiança da morte, bem como a crença no pós vida, fortificaram as classes sacerdotais, que ganharam poder e influência dentro da sociedade; “Enquanto o sacerdote, esse negador, caluniador, envenenador da vida por *ofício* ainda for considerado uma espécie *superior* de homem, não haverá resposta à pergunta: o que é a verdade? ” (NIETZSCHE, 2017, p. 254). Antes mesmo do advento do cristianismo, que será colocado pelo filósofo como o principal motivador do niilismo e da transvaloração dos valores nobres, exatamente pela sua herança neoplatônica e grande proporção, “Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocráticos [...]” (NIETZSCHE, 2020, p. 23), determinando os “miseráveis, sofredores, impotentes” como a classe a ser salva. Isso torna-se mais claro com a oposição entre os conceitos “bom e ruim” e “bom e mau”; as resistências entre os valores de ambas são fáceis de interpretar frente ao exemplo dado no aforismo 13 da primeira dissertação da Genealogia, quando Nietzsche apresenta o problema do rancor das ovelhas com as aves de rapina. Para as fracas ovelhas, as aves são más, pois caçam-nas; só pode ser bom aquele que é o mais longe de rapina e mais próximo de ovelha, ou aquele que lhe ajuda e ampara. Para a ave é o contrário; não contam com nada contra as boas ovelhas, inclusive as adoram: não há nada de melhor do que alimentar-se de uma ovelha. Enquanto que o ruim para a ave é não se alimentar, de forma que se é ruim para ela, é ruim para todos, logo, ruim em oposição ao bom nobre; “como são diferentes as palavras “mau” e “ruim”, ambas aparentemente opostas ao mesmo sentido de “bom”; para os escravos, isso é visto pelo “olho de veneno do ressentimento” (NIETZSCHE, 2020, p. 29)

Outra questão levantada pelo filósofo relacionada ao período moderno e a busca pela perfeição racional; a modernidade caracterizou o ‘progresso’ do homem conforme sua razão, de maneira que nunca deixou de estar e existir dentro da mesma redoma das interpretações dos séculos passados (NIETZSCHE, 2017, p. 250). Conforme Nietzsche, o homem era determinado conforme a corrupção dos valores, da *décadence* da moral, e não os antigos e elevados valores da aristocracia helênica. De modo geral, a vida deve ser vista como a abundância de força e impulso, o instinto de crescimento, o embate de forças que gera a dominante; é a partir desse contexto de abundância, de vitalidade e impulso de vida que Nietzsche analisa os valores da vida cristã; “Chamo um animal, uma espécie, um indivíduo de corrompidos quando eles perdem os seus instintos, quando escolhem, quando *preferem* o que lhes é prejudicial. ” (NIETZSCHE, 2017, p. 252). A determinação da vida ascética cristã reprime os valores instintuais e livres em detrimento do controle e domesticação do rebanho, um homem domesticado, enfraquecido, emasculado (NIETZSCHE, 2020, p. 122).

O ascetismo é uma forma de expressão da moralidade, algo previsto em ser seguido de maneira externa. De modo diferente da antiguidade, que oferecia os mais variados sacrifícios aos seus deuses, o cristianismo e o cristão oferecem a si mesmos, a seus instintos e seu interior. Os ascetas entram em guerra contra seu próprio eu; na iminência de pecados, combatem o que chamam de “inimigo interior” (NIETZSCHE, 2008, p. 101). O consciente vira um campo de batalha entre o instintual e o racional, em uma luta que demonstra seu desejo de dominação, sendo exercido contra si mesmo, em uma manifestação das determinações externas, alienando a consciência e fazendo-a dominar os instintos. O homem domina a si mesmo, conforme os dogmas determinados de maneira universal e conforme a doutrinação do rebanho. Essa submissão a um dogma demonstra o quanto o homem abandona sua individualidade, vivendo sob a ordenação destas leis, uma neurose religiosa, dentre elas a solidão, o jejum e a abstinência sexual (NIETZSCHE, 2017, p. 72), sem sequer questionar por qual razão ou finalidade está fazendo aquilo. Quando se submete cegamente a todas as leis, acaba por desprezar a si e a sua própria vontade. Uma luta interior que busca oprimir todos vestígios de instintos pecaminosos, dividindo a realidade entre bem e mal; apenas é bom aquilo que vêm do quimérico Deus, todos os pensamentos e impulsos restantes são frutos do pecado e devem ser dominados;

A fé cristã é sacrifício desde o princípio: sacrifício de toda liberdade, de todo orgulho, de toda autoconfiança do espírito; ao mesmo tempo, servilização e autoescárnio, automutilação. Há crueldade e feticismo religioso nessa fé que é exigida de uma consciência domada, múltipla e muito mal acostumada: sua precondição é que a submissão do espírito *doa* indescritivelmente, que todo o

passado e hábito de semelhante espírito se defendam contra o absurdíssimo que a “fé” representa para ele. (NIETZSCHE, 2017, p. 71)

Essa repressão dos instintos pelos ascetas demonstra a incapacidade de lidar com o que é o contínuo movimento da existência, essa repetida oposição entre a castidade e a sensualidade, como visto nas tragédias áticas (NIETZSCHE, 2020, p. 81). De certa maneira, o ascetismo sempre fora preferido em oposição ao sensual e material sob o olhar filosófico, tendo em vista, como já citado no primeiro tópico, a corrupção do significado do dionisíaco com a supervalorização do apolíneo. Olhando pela ótica filosófica da antiguidade, o ascetismo estava mais para uma forma de livrar-se dos impulsos terrestres para que se alcançasse a solidão e a quietude, uma renúncia autêntica focada na elevação da espiritualidade (NIETZSCHE, 2020, p. 94), para poder trabalhar em paz, como fizera Heráclito quando retirou-se para o templo de Ártemis (NIETZSCHE, 2020, p. 91). Com efeito, a filosofia da antiguidade pré-socrática é quase que intrínseca ao pensamento sacerdotal e asceta, pois, a reflexão racional se dava de modo inerente a visão religiosa, tudo desenvolvia-se a partir desta cosmologia.

A alteração do sentido ascético, do grego antigo para o cristão, ocorre com a chegada e domínio da moral dos escravos. O poder do homem deixa de ser combativo para ser automortificante (NIETZSCHE, 2020, p. 97). Essa é a maneira filosófica dos últimos séculos; buscar a verdade dentro dos seus espectros de realidade, dominando as ações conforme a moral predominante determina e sempre mantendo seu conjunto gregário dentro de uma zona de conforto e segurança. Com efeito, essa calmaria dada pelo médico sacerdote (NIETZSCHE, 2020, p. 108) é buscada como resolução de todos os problemas do rebanho; o sacerdote altera a direção do ressentimento, indicando para o sofredor a causa de seu sofrimento, que, todavia, é ele mesmo, seu próprio interior, apontando para a “natureza pecaminosa” do homem (NIETZSCHE, 2020, p. 110).

Ainda na Genealogia, apresentou outro conceito de suma importância para o entendimento da sua filosofia desse período. Eugen Dühring serviu como exemplo para o conceito que viria a ser chamado como *ressentimento*, com, inclusive, Nietzsche colocando que esse era o sentimento que crescia entre os antissemitas (NIETZSCHE, 2020 p. 57), algo que, erroneamente, teria sido acusado na posteridade, algo que, ainda em sua produção lúcida, deixava claro ser opositor, como fala no aforismo 26, do mesmo livro; “tampouco me agradam esses novos especuladores em idealismo, os antissemitas, que hoje reviram os olhos de modo cristão-ariano-homem-de-bem (...)” (NIETZSCHE, 2020, p. 136). Proveniente do

próprio Dühring, a palavra não existia no alemão antes de sua introdução, originário do francês (PASCHOAL, 2011).

Em um sentido geral, a ideia de Dühring para o ressentimento é a de ser a vingança uma forma de justiça (NIETZSCHE, 2020, p. 57); a justiça é um sentimento reativo resultante de uma ação em que se sai prejudicado, gerando “(...) ódio, despeito, inveja, suspeita, rancor e vingança (...)” (NIETZSCHE, 2020, p. 57-58). Por força de ‘mal maior’, ou seja, algo ou alguém que nos cause uma perturbação, sofrimento ou incômodo, reagimos de maneira vingativa conforme esse conflito, de maneira que a justiça seja exatamente esse movimento de reagir, ‘re-sentindo’ o que se passou em um momento anterior, um sentimento reativo, um impulso de retribuição, sendo a vingança, no aspecto de Dühring, um sinônimo de sentimento de justiça. Nietzsche já conhecia o trabalho do autor desde a publicação de seu mais importante livro, *O valor da vida* de 1865, constando comentários e escritos enviados para amigos nesta época, como mencionado por Giorgio Colli e Massimo Montinari no livro *Nietzsche*. Dühring busca caracterizar a justiça sem um apego metafísico, diferenciando o justo do injusto, bom e mau exatamente pelo possível ataque injustificado, identificando qual lado está sofrendo. Características que já vão em contramão do que Nietzsche escreve na *Genealogia*, pois “justo e injusto, *em si* carece de qualquer sentido”, já que a vida atua “ofendendo, violentando, explorando, destruindo, não podendo ser concebida sem esse caráter” (NIETZSCHE, 2020, p. 59). A justiça é definida pelos homens de grande poder, e não pelos mais fracos, visando somente sua defesa.

Como já dissera Nietzsche, “a moral do homem comum venceu” (NIETZSCHE, 2020, p. 25). A moral do ressentimento gerou valores; a reação tornou-se meramente imaginária enquanto a ação sobre o outro, pecado. A resposta do escravo é sempre um *Não*, direcionado para o externo, o oposto da resposta do nobre que é um *Sim* para si mesmo; uma moral baseada na negação, uma vingança imaginária, focada na defesa do outro e na justiça dos atos perante o superior divino. O homem do ressentimento vê a si e ao restante do rebanho como os bons, justos e fiéis, restando a todos os que não fazem parte de seu grupo social a nomenclatura de inimigos, homens maus;

A rebelião dos escravos na moral começou quando o ressentimento chegou a produzir valores, ressentimentos de tais criaturas a quem é negada a própria reação do fato que se mantêm incólumes somente por uma vingança imaginária. Enquanto toda a moral aristocrática nasce de uma triunfante afirmação de si própria, a moral dos escravos opõe um “não” a tudo o que não lhe é próprio, que lhe é exterior, que não é seu; este “não” é o seu ato criador. (NIETZSCHE, 2011, p. 41).

A moral do homem do ressentimento enxerga a justiça como sinônimo de vingança. Com o cristianismo, o homem reage a atitude do outro de maneira introspectiva; enquanto o nobre é justo até com quem lhe fere ou cause-lhe algum sofrimento, a moral do escravo trata-lhe como inimigo. Essa moral determina uma padronização de ações e efeitos, estendendo-se de maneira dominante sobre todos os modos de agir. O homem é tratado como uma vítima eterna, o fraco e oprimido que atribui a todo o exterior do rebanho como a causa de seu sofrimento. Essa redução das forças do homem e homogeneização das interpretações morais e culturais é o ponto crucial na formação do ressentimento;

“Os portadores dos instintos depressores e sedentos de desforra, os descendentes de toda escravatura europeia e não europeia, de toda população pré-ariana³ especialmente – eles representam o *retrocesso* da humanidade! Esses “instrumentos da cultura” são uma vergonha para o homem, e na verdade uma acusação, um argumento contrário à “cultura”! (NIETZSCHE, 2020, p. 31)

É possível notar como esse sentimento reativo age como um envenenamento da consciência do homem; “Pensar em se vingar e fazê-lo significa ter um violento acesso febril, que, no entanto, passa; mas pensar em se vingar e não ter força ou coragem para fazê-lo é carregar um consigo um sofrimento crônico, um envenenamento do corpo e da alma” (NIETZSCHE, 2005, p. 57). Gradativamente ocupa o lugar que seria das ações e pensamentos levados ao mundo externo e deixa todas as reações presas em seu próprio mundo de fantasia, uma forma hipertrofiada (NIETZSCHE, 2014, p. 215) da realidade. Além de ser fraco, encontra-se preso dentro de um sistema social gregário que determina suas ações. Vê seus ‘inimigos’ como forças superiores as suas, recorrendo a sua fantasia divina de justiça e vingança para lidar com os problemas. Os impulsos e instintos ficam a ruminar a força interior do homem, que resente todos os sofrimentos e contrariedades que não teve forças e tampouco ímpeto para reagir, algo muito característico com o pensamento cristão. Essa teorização da justiça a partir do ressentimento é precisamente um produto do ressentimento que busca se tornar dominante por meio da moralidade (PASCHOAL, 2011, p. 165).

4.3 – Cristianismo como degeneração

Abordando novamente o cristianismo, seu texto mais famoso que trata com maior ênfase esse tema se chama *O Anticristo*, de 1888, porém publicado apenas postumamente.

³ Termo viria a ser mal utilizado no futuro, mas o sentido dado por Nietzsche não tem ligação ou referência ao do sentido nazista eugênico.

Deve-se fazer menção de que a palavra relativa ao alemão de *O Anticristo* é o mesmo para *O Anticristão*, no caso, *Der Antichrist*; o termo serve para ambos significados, o que poderia ser facilmente traduzido como o anticristão, ao invés da tradução geral utilizada no português. No decorrer da leitura do texto, percebe-se que o termo correto a ser utilizado possivelmente fosse *O Anticristão*, tendo em vista que Nietzsche não se caracteriza opositor direto ou inimigo de Cristo, como é visto em citações de outros livros, como no aforismo 475 do *Humano, demasiado humano*, nos capítulos ‘caminho do criador’ e ‘morte livre’ no *Assim falou Zaratustra* e nos aforismos 35, 39 e 47 do presente livro, onde não crítica a postura de Cristo perante as situações, pelo contrário, como visto no aforismo 35, determina o grande valor da palavra que Cristo teve com ele mesmo, carregando sua responsabilidade e morrendo pelo que acreditava. A crítica nietzschiana é, efetivamente, a formulação da religião cristã, sendo bastante disforme dos ensinamentos de Cristo em vida.

Nietzsche será enfático em dizer que o cristianismo é uma consequência do gregário judaísmo (NIETZSCHE, 2017, p. 270), uma filiação que dominou os instintos e soube manipular a psicologia do homem ainda melhor que sua antecessora. De modo geral, o cristianismo carrega consigo a dominação doméstica do animal homem, transformando as mais puras formas de nobreza e poder na sua equivalência da moral do escravo;

Todos os conceitos da igreja são reconhecidos como aquilo que são, como a mais perversa cunhagem de moeda falsa que existe, e cujo objetivo é desvalorizar a natureza, os valores naturais; o próprio sacerdote é reconhecido como aquilo que é, como a mais perigosa espécie de parasita, como a verdadeira aranha venenosa da vida (NIETZSCHE, 2017, p. 287)

Os valores determinados pelos evangelhos criaram uma nova forma de homem; ressentido, fraco, asceta. A busca pela unificação das múltiplas culturas equiparou todos em um parâmetro baixíssimo, equivalente aos mais fracos. Visto conforme sua idealização da perfeição, Deus, o homem é tido como o auge da cadeia evolutiva presente na Terra, o mais próximo daquilo que ele mesmo inventou (NIETZSCHE, 2015, p. 19). Deus faz o papel do benevolente e do maléfico; é bom e justo com aqueles que seguem seus ensinamentos e ordenamentos, e malvado e perverso com aqueles que pecam diante dos seus deveres;

Ele era um deus oculto, pleno de mistério. Deveras, nem mesmo seu filho teve senão por vias tortuosas. À porta de sua crença encontra-se o adultério.

Quem o exalta como um deus do amor não tem o próprio amor em alta estima. Não queria esse deus ser também juiz? Mas aquele que ama, ama para além de recompensa e retribuição.

Quando jovem, esse deus oriental era duro e sedento por vingança, e criou um inferno para o deleite de seus favoritos.

Finalmente, porém, envelheceu e amaciou e amoleceu e tornou se compassivo, mais semelhante a um avô do que a um pai, mas mais semelhante ainda a uma velha e trêmula avó. (NIETZSCHE, 2017, p. 302)

O reino de Deus é a esperança dos pobres que sempre seguiram os ordenamentos, enquanto desejam o julgamento final para seus inimigos. A invenção da culpa e do castigo foram determinantes para o domínio do cristianismo sobre os homens; assim como fizeram os judeus, o espírito da criação do pecado (NIETZSCHE, 2014, p. 142), que elevaram seu Deus ao mais alto grau de perfeição, buscando, desse modo, a vingança contra seus inimigos, fizeram os cristãos, separando a imagem de Cristo do homem e unindo ao salvador eterno; “O Deus único e o filho unigênito de Deus: ambos produtos do *ressentiment*” (NIETZSCHE, 2017, p. 291). A moralidade cristã é o evento decisivo do mundo ocidental, tendo sua fonte de valores alicerçada no chamado “mundo verdadeiro”, o suprasensível, que faz oposição ao mundo terreno, o inferior e desfigurado.

A construção das bases teóricas do cristianismo não é proveniente diretamente dos ensinamentos de Cristo. Além da filosofia medieval, com o neoplatonismo e aristotelismo cristão, as escritas bíblicas tiveram influência nessa construção. Enquanto Jesus fez de sua morte igual à vida, seguindo os mesmos preceitos que sempre regeram sua existência (NIETZSCHE, 2017, p. 283), mostrou aos homens aquilo que ele interpretava como maneira correta de viver; enfrentou os adversários, foi contra os juízes, viveu da forma que achava justa. Amou e desejou com todas as forças tudo aquilo que acontecia;

Esse “bom mensageiro” morreu tal como viveu, como *ensinou – não* para “redimir os homens” mas para mostrar como viver. [...] E ele pede, ele sofre, ele ama *com* aqueles, *naqueles* que lhe fazem mal... As palavras ditas ao *ladrão* na cruz contêm todo o evangelho. “Este era verdadeiramente um homem *divino*, um ‘filho de Deus’.”, diz o ladrão. “Se tu sentes isso”, responde o Redentor, “*então estás no paraíso*, então também tu és um filho de Deus...”. *Não* se defender, *não* se encolerizar, *não* responsabilizar..., mas também não resistir ao malvado – *amá-lo...* (NIETZSCHE, 2017, p. 285).

Um homem comum que foi contrário à ordem estabelecida, enxergando os erros da sociedade e mostrando o amor que se deve ter a si e ao outro. Reduziu-se o fato de ser cristão a mera cristandade. A morte de Cristo trouxe, contrariamente ao que ele pregava, um desejo de vingança; Nas palavras do autor: “É evidente que a pequena comunidade *não* entendeu justamente o principal, o que havia de exemplar em morrer dessa maneira, a liberdade, a superioridade *sobre* todo esse sentimento de *ressentiment* [...]” (NIETZSCHE, 2013, p. 290).

Essa medida cristã de tornar o mundo falho, efetivamente o tornou falho e defeituoso aos olhos dos homens (NIETZSCHE, 2014, p. 141). Sua única visão positiva da realidade era de como o mundo verdadeiro poderia se parecer, retirando o sentido da vida da realidade material e fixando no além; uma arma de controle da mentalidade social que empurrou o homem para o niilismo (NIETZSCHE, 2017, p. 294). Para o filósofo, tudo aquilo que o cristianismo determinou como “divino” e relativo à Deus, é exatamente o oposto, deplorável, absurdo e danoso (NIETZSCHE, 2017, p. 300), um crime contra a vida do homem aristocrático, que precisou se adequar ao sistema de domesticação do cristianismo para não mais viver no pecado, conforme a teoria religiosa. O cristianismo é uma religião que não toca no mundo material em nenhum momento, dentro do seu escopo interpretativo, toda a verdade e salvação está no além, o que torna a vida material e existencial algo a ser tratado em segundo plano, no plano metafísico. A idealização do além funciona como um parasitismo (NIETZSCHE, 2017, p. 325) ao homem, que alimenta o espírito cristão com a supressão da sua própria força;

Chamo o cristianismo de a única grande maldição, a única grande corrupção e a mais profunda, o único grande instinto de vingança, para o qual nenhum meio é venenoso, dissimulado, subterrâneo, *pequeno* o bastante – chamo-o de a única mácula imortal da humanidade (NIETZSCHE, 2017, p. 325)

A fé cristã exerce um poder de controle e exige um sacrifício da liberdade e da vontade desde o seu princípio, sendo um verdadeiro “suicídio da razão” (NIETZSCHE, 2017, p.71). Liberdade e autonomia são antagônicos ao cristianismo, pois o ponto de inflexão não está no homem, na sua vontade, mas sim no além, na “perfeição divina”.

A idealização vivida pelo espírito gregário é a causa e causada por seus sofrimentos e a suas incapacidades de lidarem com a vida real; quando a moral era aristocrática, os escravos não encontravam suas realidades de vida nela, servindo-se de uma nova forma de interpretação dos fenômenos para conseguirem explicar seus problemas e dificuldades;

(...) porque a moral cristã que domina nossa mentalidade é um produto dos homens inferiores, que, diante da livre criatividade dos grandes homens, criam uma tábua de imperativos em que dominam as virtudes do rebanho e da passividade, procurando transformar em sinais de superioridade moral aquelas que são características de inferioridade e de fraqueza. (VATTIMO, 2010, p. 37)

Com isso em vista, criou-se uma nova realidade paralela que servia como alento para suas incapacidades de compreensão e enfrentamento da realidade; “Queriam escapar de sua miséria, e as estrelas encontravam-se longe demais. Então suspiravam: “Ó, pudera haver caminhos celestiais para sorratamente obter um outro ser e uma outra sorte!” – e assim

inventaram para si truques e poçozezinhas sangrentas” (NIETZSCHE, 2017, p. 50). O mundo imperfeito fora substituído por uma idealização de tudo que lhes servia de bom. Enquanto eram devotos aos valores superiores idealizados, reprimiam e tratavam como transgressão todos os impulsos e atos naturais e instintuais do corpo, tratando-os com culpa e castigo. A dor e o sofrimento fazem parte da existência, como o luto, por exemplo, e se agarrar a conceitos metafísicos podem dar uma falsa interpretação de alívio, tendo somente um efeito “anestésico”; conceitos religiosos e metafísicos podem representar uma barreira à utilização da reflexão, o que poderia ser um processo mais adequado para lidar com as reais causas do problema (NIETZSCHE, 2008, p. 80). Esses foram os conceitos criados pelas classes cristãs sacerdotais para conter e impedir a libertação do homem (NIETZSCHE, 2017, p. 303), para que ele não percebesse o mundo externo e olhasse somente para ele mesmo, para o seu interior mitigado e decadente;

Se as consequências naturais de um ato não são mais “naturais”, mas se imagina que são causadas por fantasmas conceituais de superstição, por “Deus”, por “espíritos”, por “almas”, como consequência meramente “morais”, como prêmio, castigo, advertência, meio de educação, então se destruiu o pressuposto do conhecimento – *então se cometeu o maior crime contra a humanidade*. – O pecado, repito, essa forma de autoviolação do homem *par excellence*, foi inventado para tornar impossíveis a ciência, a cultura, toda elevação e nobreza do homem; por meio da invenção do pecado, o sacerdote *domina* (NIETZSCHE, 2017, p. 303)

Necessários para criar um animal responsável e confiável, a culpa e o pecado têm um papel importante na manutenção do cristianismo; o homem seria naturalmente indigno e pecador, e isso era dito de uma maneira alta e repetitiva (NIETZSCHE, 2008, p. 89). Ainda mais importante foi a criação do castigo, uma finalidade relacionada à vingança; todos devem seguir as prescrições de conduta do evangelho, mas caso haja transgressões, haverá uma punição com o castigo, seja ele divino ou social (NIETZSCHE, 2020, p. 60). Relacionado diretamente ao ressentimento, já visto anteriormente, essa ideia de culpa e castigo carrega consigo um grande instrumento de controle de padronização, utilizado inicialmente pela religião e herdada pelas morais prescritivas de conduta;

Castigo como neutralização, como impedimento de novos danos. Castigo como pagamento de um dano ao prejudicado, sob qualquer forma (também na de compensação afetiva). Castigo como isolamento de uma perturbação do equilíbrio, para impedir o alastramento de perturbação do equilíbrio, para impedir o alastramento da perturbação. Castigo como inspiração de termo àqueles que determinam e executam o castigo. (...) Castigo como segregação de um elemento que degenera: como meio de preservação da pureza da raça ou de consolidação de um tipo social. (NIETZSCHE, 2020, p. 63 – 64)

Essa interiorização da vontade e do instinto, vistos como pecaminosos na ótica religiosa, foram deteriorando e reprimindo a consciência do homem, que se torturava e

culpava por sentir esses ímpetos (NIETZSCHE, 2020, p. 75). O sofrimento espiritual que o homem sentia era causado por ele mesmo, que negava seus instintos e encontrava na religião, a própria criadora dessa ideia, o caminho de arrependimento; “Todo sofredor busca instintivamente uma causa para seu sofrimento” (NIETZSCHE, 2020, p. 108), e esse é o papel do sacerdote, que mudará o sentido desse ressentimento.

O aforismo 125, do homem louco, presente na *Gaia ciência*, ainda de 1882, introduz o problema que Nietzsche diagnosticou na sociedade de sua época, ou seja, uma sociedade que já havia superado o controle religioso, mais próxima da ciência, mas que ainda vivia dentro de um sistema condicionante cristão, e que, naquele momento, encontrava-se sem um sentido, devido ao afastamento dos valores divinos. A pergunta do homem, que carregava uma lanterna nos corredores do mercado, não significava apenas uma procura por um Deus que já não se apresentava diretamente entre os homens, pelo fato do homem tê-lo matado (NIETZSCHE, 2014, p. 137), seguido da proposição da necessidade de todos tornarem-se deuses de si, para além de parecerem dignos de tal ato, poderem dominar e controlar os atos e impulsos presentes na vida; essa visão de superação da metafísica também atribui sentido ao que Nietzsche percebia ocorrer nos juízos de valor e criações das teorias morais que, mesmo tentando se separar dos fundamentos religiosos, acabavam utilizando a mesma abstração e fonte de ideias dos anteriores. Mesmo com a morte de Deus, sua sombra ainda pairava entre os teóricos do conhecimento (NIETZSCHE, 2014, p. 207); independente da morte de Deus, esses novos pensamentos modernos e científicos foram gerados por esses homens ressentidos e castigados, o que não alterou o rumo do niilismo, mas apenas o intensificou e o fez mudar de sentido;

Não há dúvida, o homem veraz, no ousado e derradeiro sentido que a fé na ciência pressupõe, *afirma um outro mundo* que não o da vida, da natureza e da história; e, na medida em que afirma esse “outro mundo” – não precisa então negar a sua contrapartida, este mundo, *nosso* mundo? Mas já terão compreendido aonde quero chegar, isto é, que a nossa fé na ciência repousa ainda numa *crença metafísica* (NIETZSCHE, 2014, p. 210)

No livro *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche fala sobre o encontro do personagem título com o mais feio de todos os homens, responsável pela morte de Deus. É interessante analisar o trecho em que o mais feio fala que Deus “via as profundezas mais íntimas do homem” (NIETZSCHE, 2017, p. 309), e por isso ele tinha que morrer. Como o processo de alienação executa um controle sob a mente dos homens, confundiam o próprio pensamento como uma extensão do poder de visão e controle de Deus, julgando seus instintos e impulsos baseado nos valores cristãos que tomaram seu psicológico.

A moral europeia era alicerçada nos valores cristãos, que agora, gradualmente, perdiam sua fixação, mas que permaneciam nas mentes dos homens (NIETZSCHE, 2020, p. 11), ou seja, muito embora os valores religiosos tivessem passado pela negação da ciência, a construção social do ocidente foi determinada por esses valores, o que significa que as interpretações dos novos valores são alicerçadas nestes mesmos velhos moldes, nessa percepção que o mundo moderno foi “construído, nela apoiado, nela arraigado: toda a nossa moral europeia (...)” (NIETZSCHE, 2014, p. 207).

Essa visão moldada nos velhos valores religiosos serviu como matriz dos novos valores criados a partir das visões morais e científicas. A modernidade substituiu o Deus transcendente pela razão e o progresso científico e civilizatório (ARALDI, 1998, p. 77), e examinou-se superior; o rebanho do sacerdote ascético agora busca uma igualdade e unidade de maneira diferente. Os símbolos superiores não são mais necessários para organização social, agora as determinações são dadas pelos imperativos, maneira encontrada para equalizar as atividades de dentro do círculo social para fora, ou seja, o cerne da sociedade passou a ser determinado por medidas imperativas, morais e éticas, que organizam de dentro para fora a sociedade, como que uma supervisão de um dever transcendental que analisa tudo;

Com Platão e o cristianismo, ocorreu a duplicação dos mundos – e passou-se a negar este em que nos achamos aqui e agora em nome do outro, essencial, imutável e eterno. Com a modernidade, procedeu-se a implosão do ser humano – e foi ele dividido em razão e paixões, intelecto e sentidos, consciência e instintos. (MARTON, 2009, p. 58)

A ideia de melhoramento com base nos imperativos serviu, basicamente, para a formação de um homem mitigado; todas as repressões e controles criaram um animal domesticado e pronto para seguir os ordenamentos morais, o último homem. Lutou-se contra os instintos de uma maneira para corrompê-los, como se estes fossem a raiz do mal no homem.

Nietzsche apresenta o niilismo como uma corrupção no sentido de decadência; ou seja, os valores atribuídos pelas morais, tanto antigas como modernas, causam um retrocesso na vontade de poder e expansão, motivando a repressão de instintos e valorização de imperativos para o comando de nossos atos. É assim que identifica e caracteriza o niilismo na raiz da cultura e moral ocidental, desenvolvido através do auto-aniquilamento como virtude, como se fazer parte de uma sociedade gregária fosse o sentido original e superior da existência, tendo o cristianismo um grande papel nessa transvaloração, supervalorizando a instância espiritual e

depreciando a materialidade da vida humana. Todo declínio de vontade de poder e expansão é visto como uma queda fisiológica;

Foi um espetáculo doloroso, horripilante, que se abriu para mim: puxei a cortina que escondia a *corrupção* do homem. Em minha boca, essa palavra está protegida ao menos de uma suspeita: a de conter uma acusação moral contra o homem. Ela é pensada – gostaria de sublinhá-lo mais uma vez – *sem moralina*: e isso a tal ponto, que senti essa corrupção com mais intensidade exatamente lá onde até agora as aspirou do modo mais consciente à “virtude”, à “divindade”. Entendo a corrupção, já se percebe, no sentido de *décadence*: minha tese é a de que todos os valores em que a humanidade agora concentra a sua aspiração suprema são *valores da décadence*. (NIETZSCHE, 2017, p. 251-252).

Apresenta o conceito de *übermensch*, que seria o próximo passo do homem, porém, como não se trata da temática deste trabalho, será citado somente de modo simplificado. Na teoria nietzschiana, o *übermensch* representa o homem e a filosofia do futuro, o outro lado da ponte entre o homem e o animal; é importante dizer que não tem relação com um significado biológico evolucionista como alguns interpretam, mas sim um significado moral, daquele que alcançará o desvelamento da realidade niilista e será autêntico em suas decisões.

A decadência, enquanto desestabilização e negação dos impulsos face as prescrições de conduta do externo, é uma das características do niilismo, que, mesmo fazendo parte dos escritos nietzschianos desde 1881, não chega a ter uma organização ou mesmo uma obra que destaque suas concepções sobre o conceito, estando fracionado por toda sua obra. De todo modo, o niilismo na perspectiva nietzschiana, pode ser visto pelos dois momentos supracitados; perda do sentido da vida na ocasião socrática da inversão dos valores apolíneo e dionisíaco, onde a vida tomou um rumo de valores superiores racionais e perfeitos como Deus. A exuberância da vida homérica, os valores individuais e de vontade de crescimento sofreram com a influência das novas escolas filosóficas, que corromperam não só o sentido básico da tragédia, onde o impulso apolíneo estava sempre em uma união e embate com o impulso dionisíaco, como o sentido do espírito apolíneo como pensamento racional. Ainda neste ponto, o cristianismo apoderou-se do lugar da filosofia pós-socrática e criou, com base nos escritos dos evangelhos, uma nova forma de homem; um indivíduo pertencente a uma classe gregária homogênea. Preveniui-se ainda mais dos instintos naturais, agora vistos como causadores de todo mal na Terra. Esse enclausuramento de todo impulso e instinto formou um homem ressentido, mitigado e sem valores individuais. O momento posterior, é caracterizado pela morte de Deus, onde o homem prosseguiu com seu sistema de valoração moral, agora relacionado à ciência, sem perceber que estava acorrentado aos valores religiosos; os valores e símbolos metafísicos foram substituídos por valores morais racionais, sem que houvesse a plena percepção de que ali estavam. O homem adaptou uma maneira para alcançar os

objetivos sociais, chegar a finalidade da sociedade e do homem. O niilismo é o resultado da imposição condicionante da moralidade, que molda o homem conforme o interesse do desenvolvimento da sociedade, bem como a decadência, um dos sintomas do niilismo, é referência da repressão dos instintos, que, internalizados, geram um homem fraco, conservador e relutante em agir, ficando impossibilitado de perceber e agir para sair do controle da moral niilista.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto no primeiro capítulo, o foco inicial do autor era de apresentar sua contribuição para a teoria estética alemã, identificado dentro do classicismo de Winckelmann. Foi a partir desse aspecto que apresentou a formação da sociedade helênica aristocrática e a importância da arte para seu desenvolvimento e manutenção, com foco no que se caracterizava como popular na época, a tragédia. Para o autor, tanto nos períodos anteriores como na própria tragédia, o natural era o homem ser nobre e superior, representado pelas peças como coautor de seu próprio destino, juntamente com os deuses.

Buscou apresentar, em seu primeiro texto, a forma de como a interpretação acadêmica da filologia estava equivocada em perpetuar a ideia de “nobre simplicidade e calma grandeza”, colocada por Winckelmann; para Nietzsche, os gregos eram pessimistas, e foi exatamente essa característica que teve papel fundamental na tragédia e na relação da cultura com a realidade vivida. O elo entre Apolo e Dioniso, a racionalidade com a força e instinto, foram características basilares para a conjuntura da mentalidade aristocrática e cultural do heleno, tendo nos escritos de Homero seu glorioso início, e o fim com os autores da tragédia, Ésquilo e Sófocles.

De todo modo, ainda em seu primeiro livro, introduz aquele que coloca como o responsável pela derrocada da nobreza de espírito, Sócrates, que se utiliza de uma máscara, Eurípedes, para adentrar ao palco da tragédia. Sócrates já era uma figura importante no âmbito do conhecimento filosófico, e foi com seu seguidor Eurípedes, talvez o último dos trágicos de grande importância, que inseriu a forma racionalista na arte grega, no momento em que suprimiu o instinto dionisíaco e desordenou, com base em sua própria interpretação, o apolíneo. O pessimismo foi deslocado para trás do otimismo racional, que acreditava ser possível explicar todas as questões da existência e do mundo através da busca pelo conhecimento verdadeiro e absoluto. Será nesse momento, como coloca Nietzsche, que haverá a inversão da base nobre aristocrática para a “moral do escravo”, termo que utilizará com muita frequência nos livros subsequentes. A forma de repressão e condenação instintual designada por Sócrates, em detrimento da extrema racionalidade, foram os responsáveis pela mudança de curso do homem helênico, saindo da natural vontade e afirmação da vida, para o trilho do niilismo e decadência. Para o autor, todas as formas seguintes de construções éticas e morais partiram do ponto de partida colocado por Sócrates, do homem teórico alexandrino,

sendo considerado o único método de conhecimento correto, seja no âmbito filosófico ou mesmo religioso, como o próprio cristianismo.

Na sequência dos capítulos, chega-se a fase de crítica ao método racionalista e científico característicos do período moderno, transcendental e metafísico. Durante o período medieval, o homem ficou na sombra da figura de Deus e da igreja, e foi com os movimentos renascentistas e iluministas que tentou-se recuperar a valorização do homem enquanto ser individual e peça da sociedade. Com o intuito de definir o progresso, a sociedade moderna avançou nas ciências da natureza e exatas, abrindo caminho para vários avanços técnicos no período. Porém, como defende Nietzsche, a forma de como o homem era visto ainda era típica de um período de massificação e alienação social, termos que serão muito comentados nos seus textos posteriores, misturando um tipo de saber científico técnico com as ciências humanas, e tudo isso dentro da estrutura de saber do socratismo, que pode ser colocada como a base de referência do mundo ocidental, de modo eterno e imutável. É com Nietzsche que efetivamente encontra-se um tipo de discurso em que se faz a “análise histórica da própria formação do sujeito, a análise histórica do nascimento de um certo tipo de saber, sem nunca admitir a preexistência de um sujeito de conhecimento” (FOUCAULT, 2013, p. 22). A espécie de saber técnico, progressista e exato não seria a melhor forma para determinar a constituição moral e ética, até porque, como o autor menciona com frequência, nada é fixo, tudo é um constante vir-a-ser. Para o filósofo, um dos grandes problemas de buscar uma fundamentação moral ou ética desse modo é que os pensadores ignoram ou não percebem que acabam carregando uma certa forma de fé na moral dominante, ignorando as demais formas de enxergar a existência, sem contar a parcialidade, que muitas vezes sequer é percebida, mas apenas reproduzida.

O papel do indivíduo dentro da sociedade de rebanho era de suma importância para a manutenção da moral. Era necessário um condicionamento e domesticação por parte da moral para que seu controle e domínio prosseguisse sem abalos. E foi com o passar do tempo, dentro desse espectro de controle, que, como assinala o autor, o animal homem adoeceu; o homem enquanto ser racional e teórico avançava gradualmente, progredia com novas e importantes criações e descobertas, mas, o homem enquanto animal, formado por força, instinto e vontade, estava preso dentro das redomas do saber científico, perdendo sua energia vital continuamente, sendo aprisionado nos valores morais. Outro ponto, é que sequer o homem foi capaz de perceber a coerção e repressão imposta pela sociedade, moral e cultura,

acabou se tornando um animal de carga, que aceita toda uma bagagem histórica e cultural sem se questionar sobre suas origens e motivações.

Fará a ligação desse aspecto do progresso moderno à enfermidade do animal homem, posteriormente, com o controle da religião; a fé e os mandamentos tinham um forte poder de coerção e regramentos, algo que fica evidenciado com a incapacidade de reflexão da motivação dos atos humanos, de tanto que essa forma moral está inserida na mentalidade do homem.

Por fim, explicita-se sobre o momento final de sua vida lúcida, momento esse que contou com ainda maior combatividade contra os ditames morais e religiosos, principalmente por sua nova ferramenta de pesquisa, a genealogia; por mais que o pensador já trabalhasse de uma maneira genealógica em seus textos anteriores, foi somente na *Genealogia da moral*, de 1887, que o termo passou a ser próprio do autor. Foi, inclusive, com esse texto, que Nietzsche apresentou sua teoria sobre a inversão dos valores nobres e escravos, como citado anteriormente; a mudança de visão de bom e ruim para bom e mau, tendo a ramificação de bom e ruim para puro e impuro, o fraco e o forte, pode ser vista como efeito direto do cristianismo. Enquanto o nobre confere espaço e poder de criação de valores para os homens, definindo somente depois se a ação é certa ou errada, o escravo avalia diretamente a ação do homem conforme o bem ou mal a ser feito para si e/ou para a sociedade. O cristianismo teve forte influência na expansão dessa maneira de pensar e avaliar o mundo, tendo em vista sua submissão ao ideal de Deus perfeito. O arcabouço psicológico construído pela religião tornou o homem submisso e fraco perante o mundo.

Posteriormente há o resultado moderno da mitigação instintual, geradora do homem ressentido e sem valorações individuais. O homem moderno, fiel ao conhecimento do progresso científico, permaneceu unido aos valores religiosos decadentes, sem sequer perceber que seguia valores decadentes. Vida é vontade de poder e expansão, e a moralidade ocidental, dentro de sua formação socrática-platônica-racionalista-cristã, corrompe essa vontade, causando aí a perda do sentido da vida. A moralidade ocidental, apontada pelo autor, determina uma hierarquização e coerção dos impulsos e atos do ser humano, categorizando-o como integrante de uma sociedade uniforme.

O ascetismo deixa de ter uma vinculação ao significado grego e passa a significar uma negação dos instintos e impulsos do homem enquanto animal, buscando uma elevação espiritual, no aspecto cristão, que o torna mitigado e fraco; a procura por um Deus todo

poderoso e a fuga da pecaminosidade. No mesmo caminho de negação das ações e submissão há o ressentimento, que se torna criador de valores, ou seja, um sentimento reativo que fica como o responsável pela resposta dos atos, que acaba por ruminar as refutações que iriam para o exterior dentro de si, preso dentro de um sistema social gregário. O significado de justiça tem valor metafísico e transcendental.

A supervalorização do ideal de homem teórico e racionalista, que negava e calava seus desejos dionisíacos, teve forte responsabilidade na perda do sentido de vida helênica, da exuberância homérica. A corrupção do sentido trágico, não só na arte, mas também na vida, é uma das características marcantes do primeiro momento do niilismo, característica da cultura europeia pós racionalismo socrático (VATTIMO, 2010, p. 302). Como Nietzsche caracteriza, percebeu em Sócrates e Platão os primeiros *décadents*, as raízes do niilismo na antiguidade ocidental, figuras responsáveis pela emancipação da racionalidade frente a pluralidade cultural e moral helênica. Esse campo criado pelos racionalistas gregos era harmônico e compatível com o cristianismo, que acabou por aprofundar ainda mais o espírito decadente e escravo do homem, tornando-o submisso a uma religião e moral que segregava o impulso animal do homem. Os instintos e impulsos eram vistos como violação dos valores religiosos e deviam ficar reprimidos dentro do homem. Da mesma forma ocorreu na modernidade, que, mesmo negando, em partes, diga-se, a dominação por parte dos valores cristãos, seguiu vivendo sob os mesmos velhos ideais de valor, porém, perdendo seus alicerces. Mesmo que o progresso científico questionasse a religião, a construção moral do ocidente foi sob essa base, o que tornou a nova tábua de valores muito semelhante a antiga.

É possível, desse modo, perceber que, mesmo não tendo uma intenção inicial de apontar para a questão do niilismo e da decadência, desde o princípio o autor apresentou, de diferentes modos, como a sociedade foi perdendo gradualmente sua vitalidade. No começo, com a descaracterização do espírito helênico por parte do racionalismo, que, por mais que buscasse uma base racional para explicar a existência do mundo e das coisas, acabou por degenerar o helenismo. No segundo momento, o cristianismo, que surge como uma amenização do rigoroso judaísmo unido aos ideais neoplatônicos, acaba por expandir a internalização dos instintos do animal homem em seu interior, criando um animal doente e ressentido. Por fim, na fase final, quando o filósofo já tem definido as características do que se trata decadência, enquanto processo de emancipação de parte frente ao todo, por exemplo, razão frente a pluralidade de impulsos, e niilismo, enquanto perda do sentido da vida, sendo a vida, para o autor, sinônimo de poder e expansão, delineia como todos esses processos foram

importantes para a situação da sociedade. A supervalorização da razão no período grego foi decadente, tendo em vista que negavam a moral aristocrática. A religião cristã por si só já representa, como defende o pensador, o próprio retrato da decadência e do niilismo, enquanto que a modernidade, mesmo buscando uma separação da religião à ciência, manteve-se no mesmo espectro moral, sem contar a busca pelo progresso humano, de um humano melhor e mais dócil. Mesmo depois de mais de um século das publicações de Nietzsche, o mundo contemporâneo continua a sofrer com vestígios de niilismo e decadência, tendo em vista a crescente crença religiosa irrefletida, como nos casos evangélicos e muçulmanos, bem como no populismo de extrema-direita, que distorce a realidade e insere as pessoas em uma bolha interpretativa sem qualquer apego a realidade, inclusive, negando a ciência, como no caso recente da pandemia do COVID-19.

6 – REFERÊNCIAS

- ARALDI, Clademir Luís. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. *In* Cadernos Nietzsche: São Paulo, 1998.
- ARISTÓFANES. Lisístrata e As nuvens. Editora Ediouro: São Paulo, 2005.
- AZEREDO, Vânia Dutra de. A interpretação em Nietzsche: perspectivas intuitivas. *In* Cadernos Nietzsche: São Paulo, 2002.
- AZEREDO, Vânia Dutra (org). Falando de Nietzsche. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- AZEREDO, Vânia Dutra de. Nietzsche e os gregos. *In* Hypnos: São Paulo, 2008.
- BOMBASSARO, Décio Osmar. O pórtico de Nietzsche: a evocação do eterno retorno como ritmo do ser no tempo. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- BORNHEIM, Gerd. Páginas de filosofia da arte. Rio de Janeiro: Uapê, 1998.
- FINK, Eugen. A filosofia de Nietzsche. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA, 1998.
- HEIT, Helmut. Perspectivas naturalizantes de Nietzsche em Além do bem e do mal. *In* Revista Dissertatio: Pelotas, 2015.
- ITAPARICA, André. Extemporaneidade, modernidade e iluminismo em Além do bem e do mal. *In* Modernos e contemporâneos: Campinas, 2021.
- ITAPARICA, André Luís Mota. Nietzsche: estilo e moral. São Paulo: Discurso editorial, 2002.
- JAEGER, Werner. Paideia; a formação do homem grego. Editora Martins Fontes: São Paulo, 1986.
- LESKY, Albin. A Tragédia Grega, 3ª edição. Editora Perspectiva: São Paulo, 1996.
- MACHADO, Roberto. Nietzsche e a polêmica sobre o nascimento da tragédia. Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2005.

MARTON, Scarlett. Do dilaceramento do sujeito à plenitude dionisíaca, *in* Cadernos Nietzsche: São Paulo, 2009.

MARTON, Scarlett. Nietzsche: a transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna, 2006.

MARTON, Scarlett (org). Nietzsche na Alemanha. São Paulo: Discurso editorial, 2005.

MARTON, Scarlett (org). Nietzsche pensador mediterrâneo: a recepção italiana. São Paulo: Discurso editorial, 2007.

MONTINARI, Mazzimo. Ler Nietzsche: Crepúsculo dos Ídolos, *in* Cadernos Nietzsche: São Paulo, 1997.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Décadence* artística enquanto *décadence* fisiológica – a propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner. *In* Cadernos Nietzsche: São Paulo, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. A filosofia na era trágica dos gregos. L&PM Editores: Porto Alegre, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. A visão dionisíaca do mundo. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos ídolos. L&PM Editores: Porto Alegre, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. Gaia Ciência. Companhia das letras: São Paulo, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. Companhia das letras: São Paulo, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. Humano, demasiado humano. Companhia das letras: São Paulo, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. Nascimento da Tragédia. Editora Rideel: São Paulo, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. Nietzsche: obras escolhidas. L&PM Editores: Porto Alegre, 2017.

PASCHOAL, Edmilson Antônio. Nietzsche e Dühring: Ressentimento, vingança e justiça, *in* Revista Dissertatio, 2011.

PLATÃO. Fedro. Lisboa Guimarães Editora: Lisboa, 2000.

SOMMER, Andreas Urs. Nietzsche, Wagner e a decadência, *in* Cadernos Nietzsche: Guarulhos, 2017.

SZONDI, Peter. Ensaio sobre o trágico. Jorge Zahar Editora: Rio de Janeiro, 2004.

VATTIMO, Gianni. Diálogo com Nietzsche. Editora WMF Martins Fontes LTDA: São Paulo, 2010.

VERNANT, Jean-Pierre. Mito e pensamento entre os gregos. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1990.